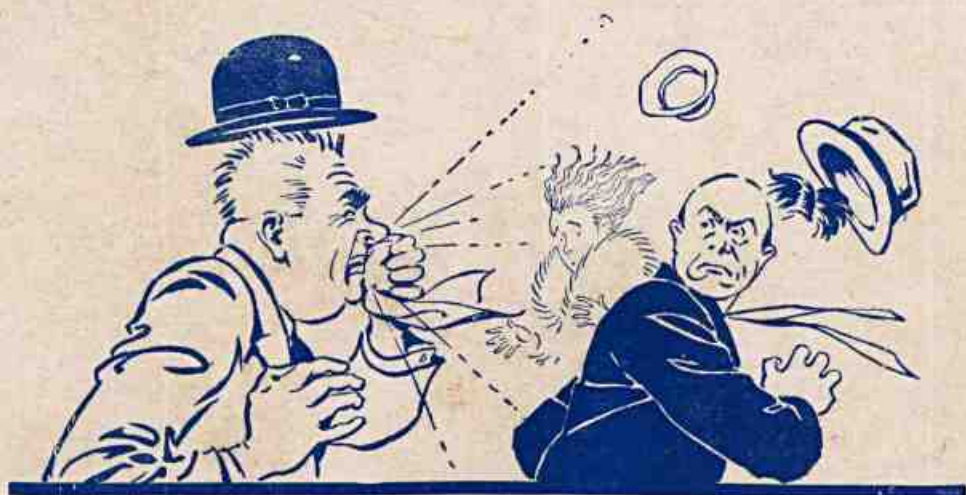
FON FON
ANNO XXVII — N.º 30
Rio, 29 de Julho de 1933
PREÇO: 1$000

Salve-se quem puder!

Qualquer resfriado, por mais leve que seja, é uma grave ameaça de doença, quer para quem o apanha, quer para os que deste se avisinham. Por isso, assim que apparecerem os primeiros symptomas de um resfriado, taes como calafrios, malestar, dôres de cabeça e no corpo, etc., tomem-se dois comprimidos de Instantina, repetindo-se a dóse com intervalos de tres a quatro horas. E se se quizer acelerar o efeito, tome-se, ao deitar, mais dois comprimidos, acompanhados de um chá ou de uma limonada quente.

INSTANTINA

corta os resfriados

O CONTO BRASILEIRO

O SEGREDO

A aurora limpida e rosada desapparecêra. O sol ascendia num deslumbramento de luz.

Contraste...

No campo de batalha tudo era tetrico. O troar do canhão... o sibilar das balas. A alma dos combatentes se confrangia de saudade e de horror.

* * *

Um official vermelho, alto, magro, escorrendo em suor, approxima-se do corneta e lhe ordena o toque de retirada.

Após rapida discussão, o preto, tordo, olhos injectados, farda ralada, botinas rotas, fére a limpidez do espaço com as notas finas da corneta.

Géra-se a confusão naquella linha inexpugnavel de trincheiras.

Muitos mortos... muitos feridos... E os que não conseguiram rastejar pelas capoeiras, embrenhando-se no silencio mystico e profundo das florestas, cahiram prisioneiros de guerra.

* * *

Dulce, na florescencia joven de sua formosura, triste, da janella de sua casa, observava o movimento sinistro da rua. Soldados de barba crescida, de uniforme enxovalhado, cruzavam-se ás pressas. Caminhões cheios de vitualhas, outros de petrechos bellicos passavam em disparadas.

No ar embaciado, o pensamento da morte...

Um militar, dirigindo-se a Dulce, lhe diz:

— Senhorita, é preciso fugir, fugir com sua familia. O trem dos retirantes não tarda em partir. Os nossos inimigos estão ás portas da cidade.

— Santo Deus!

E as lindas faces de Dulce estavam pallidas de pavor.

— O' mamãe, mamãe, venha depressa! Nossos adversarios vão tomar a cidade.

* * *

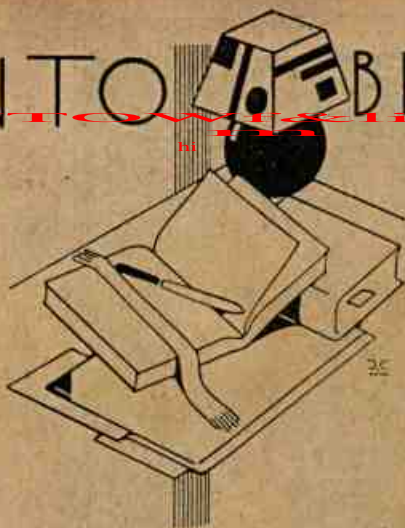
A figura alta de uma senhora assomou á janella. De nervosa nem podia falar. Gaguejava.

E o militar a repetir:

— E' preciso que partamos, que partamos immediatamente!

E sumiu-se na esquina proxima.

Mãe e filha entreolharam-se, como petrificadas, alli, pelo susto.

Mas, força era que abandonassem o lar, á mercê do destino.

Emquanto aprompatavam as malas de roupas indispensaveis, o pae, doente, movendo-se a custo, na rêde, resmoneava:

— Virgem Santissima, que será de nós?

Um automovel, os levou para a estação. As classes estavam atulhadas. O motorista atirou as malas sobre outras malas e sahiu rapidamente. O trem já ia partindo.

Dulce e seus paes se accommodaram num banco duro que lhes cederam alguns operarios.

O trem corria pelos campos desertos, levando os infelizes desfeitos em pranto.

Dulce ia pensando no seu querido piano, nos arranjos caros, nos objectos de estimação. Tudo seria feito em pedaços. E continuamente enxugava as lagrimas que lhe borbulhavam dos olhos.

O trem parou numa estação immunda. Movimento intenso de soldados e curiosos. Ao longo da plataforma, apinhava-se, indecisa, a gente do povo, á roda de suas mesinhas toscas, trens de cozinha e outros utensilios necessarios. Crianças sujinhas roiam, com avidez, um pedaço de pão amanhecido.

Naquella cidade havia cinco mil retirantes sem abrigo. O trem partiu para novo destino.

O sol descambava como um rei vencido...

A mãe de Dulce, que, até alli, permanecêra num mutismo de estatua, perguntou-lhe:

— Para onde vamos?

— Que sei eu, mamãe?

O pae interveiu, com voz tremula:

— Para onde aprouver a Deus.

E o trem corria, corria através dos campos crestados da sêcca.

* * *

A onda dos invasores inundou a nova cidade de Dulce. Arrombaram e occuparam as casas.

Um joven tenente penetrou numa residencia; e, como furioso vandalico, espada em punho, pôz-se a quebrar os objectos de adorno, os quadros de arte, suspensos á parede... Sua arma destruidora, roçando pela mesinha de centro, deu de gume no album de marfim, arremessando-o, aberto, ao tapete carissimo.

Attingindo-o novamente para estraçalhá-lo, cortou os seios de um retrato... O tenente entreparou, como tomado de espanto. Jogou a espada. Apanhou carinhosamente o album. Contemplou de perto o retrato. Leu em baixo: Dulce.

— Dulce?! ...

Sim, era ella, a Dulce dos seus sonhos. Sua ex-noiva! ...

Revendo-a, alli, depois de tantos annos de ausencia, sentiu reviver-se todo o delirio do seu primeiro amôr, e, porventura, com mais intensidade...

Mas, o fio de sua arma assassina golpeára-lhe os seios de contornos divinos.

Dôr muito funda dilacerou-lhe o imo da alma. Fraquejaram-lhe as pernas. Cahiu sentado na poltrona, e chorou como uma criança. De seus olhos brotaram dois rios de lagrimas que foram banhar as faces de Dulce.

Elle, que tantas façanhas fizéra no campo da luta, citado muitas vezes, na ordem do dia, pelo seu heroismo, alli estava, vencido, ante o retrato de uma creatura formosa...

Serenado o espirito, Alberto, o tenente, percorreu os compartimentos da casa. Entrou no quarto de Dulce. Custosa mobilia de pau setim. O grande tapete macio era uma relva florida. Sobre o leito, mostruario de ricas peças, descia o cortinado de rosas brancas. No lavatorio elegante, de marmore rosado, vidros de raros extractos, de loções finissimas. Abriu o guarda roupa. Ainda alguns dos lindos vestidos de Dulce. Apertou-os com amôr ao rosto. Relanceou os olhos em volta. Que perfume naquelle retiro de amôr... ninho sem ave!...

Fundo suspiro fugiu-lhe do coração. Ergueu-se-lhe na alma ardente desejo de ver, alli, Dulce; de falar com ella; de lhe ouvir a voz; de embeber os olhos nas illusões doces de seus olhos avelludados; de aspirar o aroma de seus cabellos ternos; de lhe affirmar mil vezes

(Continúa na pag. seguinte)

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

O SEGREDO

(Continuação)

que o seu amôr não morrêra; que seu coração nunca deixára de pensar por ella, um só momento; de lhe dizer:

"Dulce, o "não" de teu velho pae envenenou-me a alma, entenebrecendo os dias de minha existencia"; de lhe cahir de joelhos aos pés; de lhe banhar as mãos de pranto, vindo do intimo; de cobril-a com diluvios de beijos; de lhe apertar a face contra a face...

E as lagrimas rebentaram-lhe novamente dos olhos.

* * *

Restabeleceu-se a paz. Alberto, por suas proezas, obtivéra promoção e refórma.

* * *

Cahia a tarde de um dia ardente.

Na sala de mobilias finas, Dulce sentou-se ao piano. Seus dedos alvos e rosados corriam celeres no teclado de marfim.

Alberto, recostado no sofá verde-canna, deixava que se lhe infiltrasse no espirito a suavidade daquellas harmonias. Por fim, interrompeu, dizendo:

— Dulce, a tua musica sentimental funde-se com a meia tinta desta hora terna. Deixa, porém, o teu piano. Vem, sentar-te junto a mim. Prefiro a sympathia sonora da tua voz. Quero admirar de perto a symetria floral de tuas fórmas.

Dulce voltou no mocho a figura delgada e airosa, e, irradiando graça celeste, disse, sorrindo:

— Vou, si me contares o que

U M B A Ú B A

Em toda parte ella cresce
Como outra arvore, não sei.
E a todo mundo parece
A madeira ser de lei.

Quer no charco ou na montanha,
Desenvolve-se alliada!
Mas, que surpresa tamanha!
E' ôca, não vale nada!

O SEGREDO

(Conclusão)

Muitas vezes te hei pedido — o segredo dessa melancolia que te vejo nos olhos, desse ar de crepusculo que te véla o rosto.

— Vem, Dulce, luz de minha alma, esposa minha, vem!

Ella obedeceu. Sentou-se-lhe ao lado e começou a folhear o album que apanhára na mesinha de centro. Observando o seu retrato, passava o albi-rosado indice no corte, aberto em seus seios, e dizia:

— Quem terá feito isto? Cruel!

Os olhos de Alberto turvaram-se na humidade de uma lagrima.

Dulce não os viu.

— Fecha esse album, Dulce, fecha! Vamos conversar baixinho. Não vês a tarde que morre? As pompas luminosas do dia vão-se diluindo em sombras. E' triste a hora.

E, com ineffavel ternura, apertou ao peito a cabeça loura da esposa. E suas lagrimas orvalharam os cabellos lindos de Dulce, lindos, com reflexo de aurora...

— Alberto, por que não te vejo nas faces vislumbre da alegria de outróra? Por que as tens assim nubladas? Conta-me o segredo dessa tristeza que não te abandona. Conta-me.

— Dulce, um dia eu te contarei tudo... tudo...

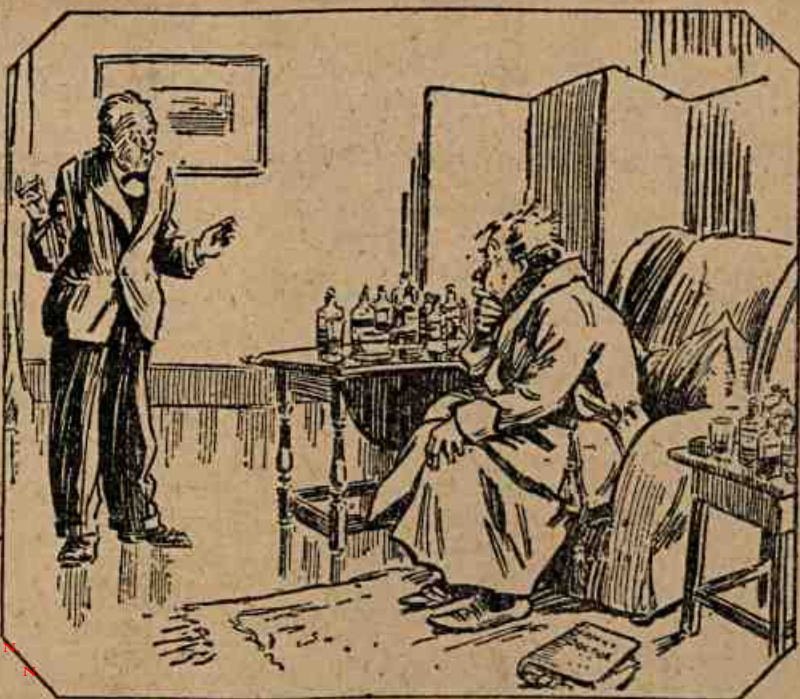
* * *

E, apezar dos insistentes pedidos de Dulce e das reiteradas promessas de Alberto, ella nunca soube o segredo daquella profunda tristeza crepuscular...

José Benedicto Cursino

A preguiça nella habita
E suas flores devóra.
O' semelhante esquisita
Voe por esse mundo a fóra!...

Pois, no caminho social,
Quer eu desça ou nelle suba,
Vejo immenso matagal...
Quanta gente é umbauba!...

Gonçalves de Aroeira

— O senhor está bem doente... Póde morrer... Trabalha muito?
— Sim, doutor. Passo os dias trabalhando na Bolsa...
— Pois precisa deixar de ir lá. Lembre-se sempre: a Bolsa ou a vida...

SER POETA

Ser poeta é ter sublime, é ter sentida
uma illusão que nos consome e encanta.
E' palpitar numa constante lida
num sorriso de virgem... numa planta.

Ser poeta é surprehender uma guarida
Nos penetrais da Lua que desponta.
Ter muitas vidas dentro de uma vida...
E um mundo de illusões que se alevanta.

Ser poeta é procurar pelos Espaços
Na contorsão nervosa dos abraços
Todos os sóes e todos os planetas...

E' viajar pela amplidão dos ares,
Até chegar nos fogos estellares
Que se perdem na cauda dos cometas!

ANDERSON HORTA

R E V O L T A

«RENILDE. — Estou escrevendo sob um desapontamento, sob uma impressão que talvez não calcules, nem chegues a comprehender. Tudo me tem decepcionado nestes ultimos dias. Tudo mesmo. A inveja, a calumnia, o mundo estão demonstrando o que realmente valem. Os meus amigos cevam-se na minha reputação. Os meus inimigos vangloriam-se da victoria das suas torpezas. De onde esperava sentimento, vem ignominia. Onde aguardava uma ajuda, surge um despeito. Onde presentia justiça, apparece a aleivosia. Isto dóe, minha querida Renilde. Sabes que não sou fraco, que luto e que reajo. Mas lutar acima das proprias forças e vêr-se attingido por quem trabalha na sombra, ás escuras quasi sempre, custa muito. Nem sei porque não são francos para commigo, porque não me atacam de frente, homem para homem. Preferem a covardia de um anonymato infame. Temem a represalia. Amedronta-os a revide. Inventam, arranjam motivos, dilacerando o que a gente tem de mais valia: a personalidade. Ampliam a seu gosto, ao gosto da sua infamia. Estendem-se pelos conhecidos, pelos que nos consideram, a esperarem a cumplicidade innocente de acceitar a calumnia que é contada a titulo de aviso e com os minimos detalhes, ou de ficar na duvida, pelo menos. São como os cogumelos: proliferam atôa.

Acho-me farto disto tudo, em um estado de nervos que não posso avaliar. Sinto a cabeça tonta, sem calma, quasi sem raciocinio para esta luta desigual. Tenho, apesar de tudo, lutado com desespero, num brado de inconcussa revolta contra tanta injustiça. Podem vencer-me, mas custará muito.

Nem sei ao ponto a que chegaram nessa tarefa inglória. Tú me conheces. Sabes quem eu sou. Mas o resto não sabe; o resto desse mundo em que és para mim a principal figura, o carinho que me acalenta e a esperança que me conforta. Eu teria talvez outro amparo... que Deus levou ha tantos annos...

Até aquelles que tinham por mim qualquer coisa que eu ingenuamente julgava ser amizade, até esses mesmos estão levantando uma barreira entre as nossas relações. Não me importaria si soubesse a causa, pois não me dóe a consciencia de ter sido desleal, não me accusa a dignidade de ter pratica-

— Outra vez tarde?!
— Sim. Mas agora trago um motivo novo.

De Reynaldo Reis

do alguma torpeza, nem me persegue o remorso de algum acto baixo. O meu passado está ahi para quem o queira revolver. Podem achar que fui severo. Mas não acharão nunca que tenha sido injusto. E si não o fui, por que o são para commigo? Por que?

Aqui mesmo na repartição (sim, porque tú sabes que, infelizmente, tenho sobre mim este jugo material), em que pensava ter, si não amigos, pelo menos collegas que não procedessem como villões, que não detractassem do meu caracter; que, si vissem alguma falta minha, m'a apontassem para que eu a sanasse; que, si eu commettesse algum erro, m'o indicassem para que eu o corrigisse; que, si eu procedesse como não devia, me fizessem ver o involuntario — sim, porque só podia ser involuntario, apesar de ser homem como todos —, em que estava cahindo, pois até aqui mesmo ha muitos que olham sorrateiramente, á espera de um instante para saltar em cima da presa. Pantheras!... Gente que olha de soslaio, aguardando o momento preciso para saciar a sua inveja em um homem que não será nunca o que a sua vil imaginação lhe faz suppôr.

Estou farto. Revoltado. Cheio desta gente que só supporto porque, emfim, tenho uma educação bastante severa, que faz conter os meus impetos. Mas, um dia, á menor prova que obtenha, talvez deixe a calma e tudo o mais. E dir-lhes-ei o que estou recalcando ha muito tempo neste coração que podia ser bom e estar isento do fel que elles, essa gente, lançaram.

Tenho a certeza de que me farás justiça. O Edmir que conheces é o mesmo de sempre. Nada o muda. Apenas, ás vezes, fica em um desespero enorme, porque não póde lutar frente a frente, cara a cara, contra a infamia, contra a calumnia e contra a inveja.

Retive por muito tempo isto que estou escrevendo. Mas meu coração estava cheio demais e minha alma transbordando de ansiedade. Devia desabafar com alguem que me tivesse amizade, amizade mesmo. A ti e a mais ninguem escolhi para isso, pois bem sabes como vivo sózinho neste mundo. A minha confiança no teu amôr fez mais do que nunca. Desejava desabafar, para vêr minha alma liberta deste peso e para vêr si podia respirar, emfim, fóra deste ambiente em que vivo ha tantos dias.

Mando-te um livro. E' lindo. Teu, *Edmir*."

O *cabelleireiro*. — Como o senhor quer o cabello?
O *freguez*. — Como o seu.

SONHO

A' noite passada eu tive um desejo doloroso.
Doloroso porque impossivel de ser realizado.
Este: adormecer com a cabeça pousada no teu coração.

Mas Deus Nosso Senhor teve pena de mim,
e transformou num sonho lindo
o meu desejo doloroso.

Eu adormeci e sonhei que estava dormindo
com a cabeça pousada no teu coração.
E na manhã seguinte, quando accordei,
eu te sentia mais perto do meu coração...

MAURO DE ANDRADE

(Do livro a sahir: "Estes poemas banaes...")

Voltemos aos "frou-frous", por favor!

CHOVA ou faça sol, cruzam-se, frequentemente, pelas ruas, moças ou velhas, bonitas ou feias, mulheres arregimentadas, botas e chapéus altos com um rabinho arrebitado na copa que parece desafiar os céus. Saias curtas sobre as ancas estreitas, lá vão ellas, como soldadinhos disciplinados na obediencia absurda de se tornarem cada vez menos seductoras.

Antigamente, a mulher tinha outra consistencia: o esqueleto não mostrava, como hoje, seus angulos agudos e suas quinas e, além do mais, as imperfeições plasticas eram amavelmente disfarçadas pela roupa. Antigamente, costumavam dizer que os *dessous* das senhoras eram como uma espuma branca, uma visão de neve. Essa imagem encerrava muita verdade e muita poesia. Eram, de facto, alvos como neve os *dessous* das damas, que parecem ter derretido com o calor do corpo. Só resta delles uma lembrança longinqua e uma lastima..., porque uma recordação que se não lastima não é nada, é apenas um esquecimento.

Um montão de cinzas! Eis o que ficou da séda morbida dos dessous de nossas mães, da linda roupa branca que parecia ser neve de séda.

Estranho fim de uma candida espuma!

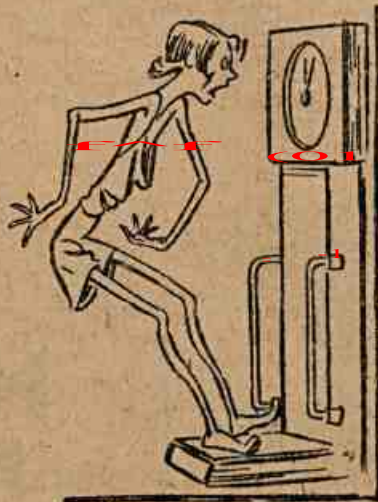
Não ha mais *dessous* e a palavra ainda é mais curta do que a propria coisa. Nada mais subsiste de tudo isso: apenas uma toada rouca de *café-concerto*...

Frous-frous...

Lembramo-nos das cantoras do *Eldorado*, dos *Ambassadeurs*; evocamos a figurinha de Alice Beuder ou de *mademoiselle* Polaire; criaturinha de vespa e saias frocadas, onde as pernas calçadas de meias de séda preta appareciam e desappareciam num contraste de tons excitante.

Quem não revê, com a memoria do olhar, as ceias no velho e sempre moço restaurante Maxim's, onde essas senhoras, cada vez que apanhavam com a mão, num gesto que não se repete mais, as saias fartas, pareciam nos offerecer uma taça de nata batida que se estivesse despejando.

Não ha mais a graça incomparavel dos *dessous* de mousseline branca, cheios de franzidos e de rendas.

E' um crime e não hesito em dizer que os amantes o lastimam profundamente. E' uma grande parte do encanto amoroso que morre com o mysterio das roupas brancas. E' por isso que o desejo esmorece, que perde grande parte

de sua força, desde o dia em que as mulheres abandonaram suas lindas roupas brancas, e andam nús, eritos e rigidos, que as transformaram debaixo de vestidos collados, diminuiram em manequins arregimentados em que não se póde mais distinguir uma da outra.

Bem sei que os tempos mudaram, que o franco já não tem o valor de outróra e que uma hora do anno de 1907, comparada ao cambio odierno, não vale mais do que dez minutos do anno de 1933. Mas... será que as minhas graciosas contemporaneas não têm ciume dos olhares que os maridos, os noivos e os amantes atiram irresistivelmente ás dançarinas do famoso *Freuch*. *Cancan?* Pensam talvez que a grande fama e o êxito que vae colhendo esse quartteto original de saltos e pernadas não esteja ligado á rehabilitação das roupas brancas?...

Mas ainda ha cousa melhor... ou peor?...

De algum tempo para cá, uma admiravel artista americana, May West, perturba o espirito dos espectadores francezes.

Toda Paris se reúne sob o pennacho das saias frocadas dessa inquietante creatura.

Mas a perversidade della vae muito além! Tem a coragem inaudita de exhibir tambem umas cadeiras impertinentes e uns seios que não temem caminhar alguns centimetros antes da amavel pessoinha que os transporta como um trophéu de gloria

E' um prodigioso successo de *sex appeal*. Os homens que, personificam a mais positiva inconstancia, já suspiram sem disfarce.

Marlene Dietrich... Acho que é demasiadamente diaphana... Quanto a Greta Garbo, ella é tão fina, tão chata, que se não a encontra mais.

Vêm, minhas senhoras? Não basta, para conservar seus amantes, tratál-os, como antigamente se fazia, com ferro em braza. Não! A marca vermelha do carmim de seus labios já não satisfaz a esses forçados do amôr. E' mistér considerar um pouco as idéas que elles formulam atraz de cabeça.

Voltem aos *frou-frous* das suas avós, ás lindas roupas brancas pregueadas e cheias de rendas finas, e verão voltar tambem o ardor de seus namorados... E' um conselho de amigo!

ITAVAZ

saibam todos...

J. C. ANGARAUIG (Rio Grande do Sul) — Desculpe, caro senhor. Mas eu só faço estudos de graphologia em dois casos:

1º — Quando se trata de pessôas das minhas relações;

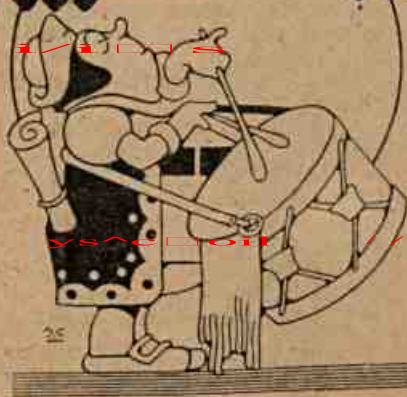
2º — Quando é o proprio interessado que me procura, pessoalmente, para tal fim. Eu não commetteria a deslealdade de revelar o caracter de uma pessôa que ignorasse estar abjecto de investigações, em proveito de A ou de B. Si o sr. é noivo della e, nesse caso, deseja conhecer-lhe o caracter através de uma sciencia que o sr. acata e préza como verdadeira, é o caso de usar de lealdade com a moça. A base do amor que honra a felicidade, é a confiança reciproca. Quando um homem sente que, para acreditar na conducta e nos actos da creatura a quem ama, é necessario fiscalizal-a, á socapa, solertemente, o melhor é esquecel-a. Porque qualquer falha seria uma decepção para ambos...

E, de mais a mais, tome muito cuidado! E' cruel fazer uma injustiça a uma pessôa que o não mereça. Em geral, esses graphologos faceis e baratos não passam de charlatães. Muitos delles conhecem tanto de graphologia scientifica quanto um kagado da arte de voar... Cuidado! Não faça uma injustiça á sua amada. Ella, pelo menos, é extremamente delicada e sensivel como uma pellucia. Ao ponto de irritar-se facilmente...

MARIA FLORA (Capital) — Barros Vidal, o brilhante escriptor a quem v. ex. se refere, é, realmente, o jornalista Barros Vidal, que faz questão absoluta de ser "reporter", no genero de Albert Londres — que foi o maior do mundo inteiro.

Bem. Barros Vidal acaba de publicar uma linda novella, intitulada "A Tortura da Carne". A these que elle defende é audaciosa mas, perfeitamente seculo XX.

O interesse por esse livro é palpitante.

LUCIA REGINA (Rio Grande do Sul) — Eu sempre olho os mulheres com a mais profunda desconfiança. Ellas são ingratas, são sempre mal agradecidas. Não sabem valorizar o que possamos fazer por ellas, principalmente no dominio das coisas intellectuaes. Acham que temos obrigação de trabalhar por ellas, sem direito á recompensa de um simples cumprimento... Pois sim...

Em todo caso, como pergunta si posso contar com uma "acolhida franca e generosa", é claro que saberei ser amavel com v. ex... Acha pouco?

ANNA MARIA (Capital) — Estou encantado com a sua gentileza que se repete pela centesima vez. Obrigado. Não ha um meio de retribuir a sua amabilidade? Vamos, madame. Afinal eu não sou dos que só desejam receber... Gosto de retribuir.

MARIALVA (S. Paulo) — O livro de Amorim Netto, brilhante escriptor carioca, intitula-se: "Ilha Maldita". E' uma reportagem curiosa sobre o que é a ilha Fernando de Noronha, o famoso presidio de Pernambuco. Vale a pena ler essa obra, que só custa 5$000, em todas as livrarias. O meu poema "Azul e rosa" deverá apparecer dentro de dois mezes. E' algo semelhante ao "O Suave enlevo". Um livro para senhoritas — ao contrario do meu romance "Uma garç nne carioca", que se destina ás mulheres infelizes no amor e ás que não conhecem a vida. Algumas pessôas de má vontade e má fé, não comprehenderam a intenção moralisadora que tive ao escrever o meu romance. Elle é um aviso e uma lição ás jovens inexperientes, que se deixam illudir pe'as apparencias e as mentiras da sociedade moderna.

Que culpa tenho eu de que creaturas amargas e demolidoras vejam nessa lição triste e rude, pela sua realidade flagrante, vejam no meu livro um trabalho de destruição, exposto sob uma fórma impudente?

E' tudo uma questão de má fé ou de modos de vêr.

A. N. (?) — Ponho uma interrogação no logar do seu destino, porque o sr. não se quiz dar ao trabalho de assignalal-o na sua carta. Por que?

Vejamos agora o que me escreve o sr. Dois pontos:

"Exmo. e Ilmo. Snr. Da, no Fon-Fon, uma secção que interessa a todos os que gostam de literatura. Uma secção de critica muito bem dirigida. Eu, sou um dos que, todos os sabados, depois do "Saibam todos", percorro com certa avidez a "Escritores e livros". Entretanto, ha uma coisa que nunca, ali, consegui decifrar: é a assinatura do critico. Poderá V. Exa. (caso ele se não oponha) dizer-me quem é redator de "Escritores e livros"? Será o sr. Mario Nunes? ou Mario Poppe?...

Queira, tambem, V. Exa. aceitar minhas felicitações por sua brilhante cronica do ultimo sabado: "Velhos tempos". V. Exa., com seu estilo magico, faz acordar na gente lembranças do tempo de guri. E saudades. A primeira namorada... O primeiro beijo de amor... A primeira desilusão... E mais um monte de coisas esquecidas surge para espicaçar a alma da gente. E, tambem, para, apezar da tortura, nos dar felicidade... Assim, seria injusto, egoista, que V. Exa. não recebesse parabens por esses momentos de felicidade que nos proporciona. E agradecimentos. E' o que fiz.

Ainda duas linhas para lhe pedir a publicação do conto incluso e para a assinatura do cr. obr. — A. K."

Resposta:

A) — Até aqui ninguem ainda confundiu a assignatura de Mario Poppe, nosso brilhante collega, com o não menos brilhante Mario Nunes. O sr. foi o primeiro.

De qualquer modo, para desfazer duvidas, esclareço o caso, reaffirmando que o autor da nossa secção "Escritores e livros", é Mario Poppe nosso companheiro e chronista fulgurante, que já nos deu varios livros bellos, como: "Do que ellas gostam", "A Cidade do amor"... "Você me conhece" e o romance, de tão grande successo, "A mulher que mata".

B) — Agradeço-lhe, de coração, os elogios que me concede, a pro-

(Continúa na pag. seguinte)

DÊ-LHE SAÚDE, ROBUSTEZ E FELICIDADE

---

posito da minha chronica "Velhos tempos". O sr. é realmente generoso...

C) — Agora vejo porque é que o sr. é generoso e me elogia tanto. E' porque, no fim de sua missiva, me pede publicar o seu conto...

Está bem. Vamos vêr... Si o seu trabalho fôr bom, eu o publicarei mesmo sem elogio e sem nada. Si não fôr bom... O resto o sr. adivinha... Não é?

HOMEM DE MELLO (S. Paulo) — Oh! senhor! Que coisa horrivel! Aqui no Rio chove. E a chuva, fria e triste, parece cahir dentro da alma da gente como uma saudade que desfizesse em lagrimas. Tudo é tão evocador nesta sala deserta, onde escrevo. O "abat-jour" vermelho é como agonia de um sonho que ardesse pela ultima vez. Tudo conduz ao contemplatismo, a disposições poeticas. E, de repente, que avalanche de recordações nos invade a alma. O sonho que arde como outros que já se fizeram cinza... A tarde escura, como outras, cheias de meias-sombras e languores... Velhos amores que se foram, sem um beijo, sem uma palavra gentil, sem um soluço, sem uma saudade... E tudo enternece a nossa alma. Lentamente, murmuro para o crepusculo fumarento, que me entra pela janella aberta sobre as rosas brancas do jardim, — murmuro os versos lindos de Héléne Picard...

Je veux seule, ce soir, sangloter
[dans l'air doux...

Ah, sim! Como eu hoje gostaria de soluçar, sobre a doçura da tarde!

.. ..

Pois é nessa hora de encantamento que me chega a sua carta prosaica de estylo tatibitati:

"Illmo. Snr. Yves. Pela segunda vez, venho apresentar-lhe um meu trabalho na esperança de que seja attendido.

De outra vez não obtive siquer uma resposta.

Tratava-se de "Divagações" que enviei-lhe sob o pseudonymo de "Camillo". Não sei qual o criterio adoptado; entretanto o correio poderia tel-o estraviado e é assim que eu vólto á sua presença com a poesia que segue junto. Do admirador. Pseudonymo — Homem de Mello. NB: — Junto o coupon necessario."

Depois, leio os seus versos horriveis. O sr. rima *terço* com *aborreço*...

Vejamos:

AS CONTAS DO MEU TERÇO

No turbilhão das dores que em
[mim chóram,
Do amôr, do tedio e a vida que
[aborreço,
Vou desfiando amarguradamente
As contas do meu terço.

Na vólta de uma estrada, em que
[me quédo,
Do tempo, que se escôa, até me
[esqueço...
Vem lógo, redobrada, a triste
[magua
Das contas do meu terço.

Si acaso, em fórmas bellas de uma
[Venus,
Eu sinto que amoroso me embe-
[veço,
A essencia desse sonho me apparece
Nas contas do meu terço.

Por fim, se a glória ephémera me
[embala
E em seus cantados braços me en-
[terneço,
O rithmo da vida me escrucia
Nas contas do meu terço.

E' lastimavel! O sr. estragou o meu extase, o meu enlêvo, o meu delicioso prazer de meditar e sonhar; de recordar e soffrer com essa volupia triste e ardente de ver tudo, tudo que eu guardava na minha alma, se esboroar, se desmoronar em soluços...

O sr. é um criminoso! E' um derrotista dos sonhos alheios...

Yves

SAIBAM TODOS...

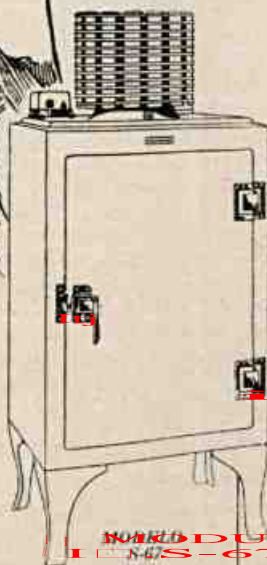
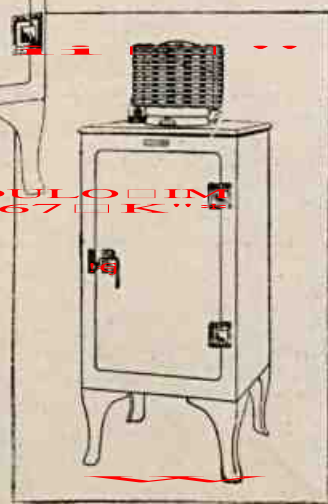
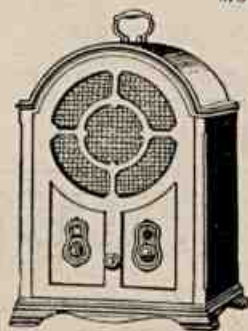
(Continuação)

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-9706
FON-FON — 29-7-933

Data da consulta............
Nome do consulente..........
....

Resistente
como os castellos antigos.
REFRIGERAÇÃO ELECTRICA E' COMO A SAUDE: INDISPENSAVEL O ANNO INTEIRO...
EXAMINE o mecanismo do Refrigerador G. E. E' elegante, forte e resistente. Todo de aço, com peças feitas para duração illimitada, o mecanismo dos Refrigeradores G. E. é, como os seus demais dispositivos, construido de maneira a justificar a preferencia do publico — para cada tres refrigeradores em uso um é G. E. — e a explicar a confiança dos seus productores, que o garantem por 4 annos, contra qualquer falha mechanica.
O Refrigerador G. E., silencioso, automatico, regulavel, é o grande protector dos alimentos.
Proteja os seus alimentos, proteja a saúde dos seus com o Refrigerador G. E.
MODELO K-67
MODELO S-14
MODELO K-60
Este elegante apparelho de radio é de grande alcance e vigorosa selectividade.
79
GENERAL ELECTRIC

Notas de Arte

DÓRA BEVILAQUA E DULCE DE SAULES. — Em 3º extraordinario, offereceu a Associação Brasileira de Musica no Salão Leopoldo Miguez do I. N. M., em a noite de 16 de julho, um concerto a 2 pianos pelas jovens pianistas Profas. Dóra Bevilaqua e Dulce de Saules, que se fizeram ouvir, alem de um ou dois extra, neste programma: I) Debussy — *Petite Suite* (En bateau, Cortége, Menuet, Ballet), *Fetes*; II) Chambr-A. Napolião — 2 *Estudos*; Chopin — 2 *Estudos*; Saint-Saens — *Dansa Macabra*; III) Dukas — *L'Aprentier sorcier*; Mendelssohn — *Scherzo*; Wagner — *Cavalgada das Walkirias*.

A não ser falta de que não eram culpadas, qual a de não estarem os pianos á altura das pianistas, o recital correu brilhante e perfeito de principio ao fim.

Dora Bevilaqua, de organização franzina, tocou com bravura e brilho que pareciam provir de um organismo robusto. E Dulce de Saules, irradiando saúde e força, soube ser fina e delicada nas passagens por assim dizer aereas das musicas interpretadas. E ambas souberam sentir e communicar a sensibilidade a todo o auditorio, que lhes não poupou justos e enthusiasticos applausos.

Desde a *Petite Suite*, onde destacamos mais especialmente a execução de *Cortége*, até a *Cavalgada das Walkirias*, onde os dois pianos valeram por pequena orchestra, tudo foi realmente bello. Entretanto, é de toda justiça assignalar o numero que mais impressionou, como composição e como interpretação, numero que foi ruidosamente bisado — a *Dansa Macabra* de Saint-Saens. Note-se ainda que, nos 2 *Estudos* de Chopin, as interpretes foram tambem autoras: foram ellas que adaptaram para dois os *Estudos* escriptos para um só piano.

Foi uma bella noite de arte a que nos deu a As. B. M. com o recital Dóra Bevilaqua-Dulce de Saules.

ORCHESTRA PHILARMONICA. — Dos mais sensacionaes, o 6º concerto de assignatura da Orchestra Philarmonica, realizado no Theatro Municipal, em a noite de 20 de julho, sob a grande regencia de Felix Weingartner, um dos maiores chefes de orchestra da actualidade. Foram ouvidas as duas grandes epopéas sonoras: I) *Symphonia Pathetica*, de Tschaikowsky (Allegro non troppo — Allegro con grazia — Allegro molto vivace — Finale); II) *Symphonia Phantastica*, de Berlioz (1. Rêveries Passions-2. Un bal-3. Scéne aux champs-4. Marche au supplice-5. Songe d'une nuit du sabbat).

Ouvindo-as, e ouvindo-as assim no mesmo concerto, uma após outra, com intervallo pouco maior de meia hora, sente-se immediatamente a grande differença entre a creação exuberante de musicalidade, cheia de frescura, de accento profundamente romântico, verdadeiro poema lyrico, que é a symphonia de Tschaikowsky, e a epopéa original e estranha, o poema trágico, tendo algo de dantesco e shakespeareano, caracteristico da symphonia de Berlioz. Sente-se que Tschaikowsky faz o novo com processos velhos, e Berlioz tudo faz nova. Sente-se que Tschaikowsky é um grande poeta do som, como outros grandes poetas do som, mas que Berlioz é genio, genio singular, que marca um momento da evolução artistica, que inicia a renovação musical, que é Wagner antes de Wagner...

Se bellas em si mesmas, mais bellas nos pareceram a *Pathetica* e a *Phantastica*, através da regencia excepcional de Weingartner.

Regendo-as de côr, nem por isso se lhes notou a minima falha. A não ser a regencia de Gino Marinuzzi, nenhuma outra, das que conhecemos, se pode comparar á de Felix Weingartner. E' de vêr-se não só a vida, o enthusiasmo que imprime á direcção da orchestra, mas principalmente a minucia, o detalhe, com que interpreta todas as passagens. A sua batuta é um verdadeiro instrumento da orchestra. Instrumento polymorpho, que suggere todos os sons de cordas, sopros e metaes. As suas mãos, os seus braços desenham no ar milhares de movimentos, cada qual correspondendo a uma phrase musical. Se se pudesse gravar todos os gestos do regente, obter-se-ia uma épura representativa de todas as sonoridades da orchestra. Pareceu-nos ser esta um instrumento unico do que o instrumentista era o regente. Certo essa unidade não attingiu ao maximo attingivel, porque essa unidade não dependia só do chefe da orchestra, mas de todos os componentes da massa orchestral, e este, bons embora, não eram optimos como o regente. Mas, dada a excepcionalidade da regencia, houve muitos momentos em que se teve a illusão da unidade instrumental da orchestra.

Embora fosse tudo superiormente executado sob a direcção ultra-perfeita de Weingartner, assignalamos o que nos pareceu perfeição das perfeições, e foram o *Allegro molto vivace* da SYMPHONIA PATHETICA, e a *Marche au supplice* e *Songe d'une nuit du Sabbat*, da SYMPHONIA PHANTASTICA. Não se ouviram só, viram-se tambem as scenas que evocam os dois poemas sonoros: toda a intensidade da paixão, vaga mas empolgante, imaginada nas sonoridades tumultuosas do *Allegro* e o cortejo tragico e o bailado infernal da *Marche au supplice* e da *Nuit du Sabbat*.

DUAS CANTORAS

Sonia Barreto, que o radio popularizou, e Alitta Bastos, que abrilhanta o elenco do Côro Russo-Brasileiro, num flagrante... «posado» para os seus admiradores...

O 6º concerto da Philarmonica foi, sem contestação possivel, uma grande, uma excepcional noite de arte da temporada musical que ora vivemos.

E' quasi escusado dizer que foram innumeraveis, intensissimos e prolongados os applausos á regencia genial de Weingartner.

O m.º Burle Marx, a cujos esforços se deve a nova presença do seu grande mestre perante a platéa do Municipal, recebeu tambem cumprimentos, numa das frisas em que assistiu ao extraordinario concerto.

GRANDE COMPANHIA LYRICA. — E' no proximo dia 2 de agosto que estréa a grande Companhia Lyrica Italiana que vae fazer a temporada do Th. Municipal, graças aos esforços da empreza concessionaria desse theatro, de que são directores Sylvio Piergili, Salvatore Ruberti e Andréa Paulino. Annunciamol-o em nossa chroniqueta de 17 de junho, destacando especialmente as celebridades que fazem parte do elenco e as obras que constituem o repertorio. Em outra secção, publicada em 15 de junho, foram estampadas em pagina especial as maiores figuras da Companhia, como Gino Marinuzzi, Claudia Muzio, Benjamin Gigli, e todas as que nos referimos em nota anterior.

OSCAR D'ALVA

A MORENINHA

DE LANES PENEDO

Amei uma formosa moreninha
De olhos verdes, bem verdes como o mar,
E a luz que seu olhar meigo continha
Era a mais linda que eu já vi brilhar.

A' noite, a via-lactea, quando vinha
De perolas o espaço recamar,
Cuidava vêr na terra uma estrellinha,
Vendo-a, no céo pousando o meigo olhar

Aos raios do luar, na branca areia,
Adormecendo, veiu uma sereia
Adorar seu encanto, deslumbrada.

E uma noite, levando a moreninha
Ao céo, me disse a estrella mais doirada
Que era linda de mais para ser minha...

FINIS...

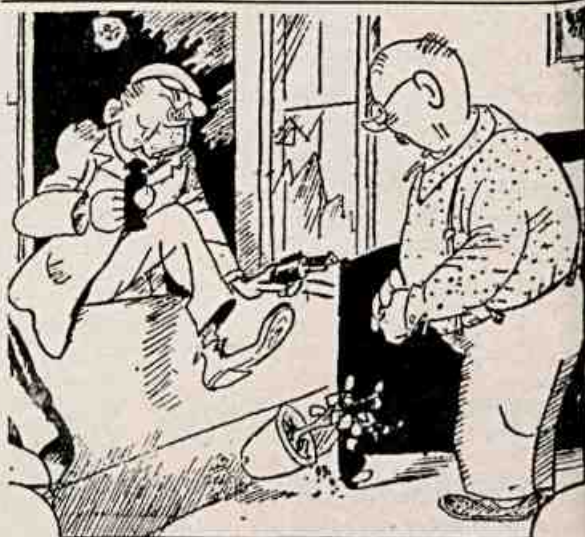
Ajoelha-te, sorrindo, de vagar
e põe as mãos bem juntas p'ra rezar...

Ora mais alto um pouco;
quero ouvir pela ultima vez
a tua voz de santa...

E' o caixão pequeno do nosso amor
que vae passando...
Elle fugiu á vida, docemente,
immaculadamente,
como foge uma flôr...

Reza bem alto, quasi cantando,
porque has de ser feliz, depois...

Felicidade que o Destino não quiz,
que fosse de nós dois...

BRENO JORDÃO

— Os senhores são uns temerarios! Porque, subir por alli, é não ter medo de quebrar a alma!

Evita a carie e o mau halito.

Th. H. Van de Velde — O MATRIMONIO PERFEITO — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 15$

O autor deste trabalho é um grande medico hollandez, e a versão para a nossa lingua foi confiada ao dr. Pedro Gouvêa Filho, clinico de valor da Maternidade do Hospital da Misericordia. O grave problema do matrimonio, estudo de sua physiologia e sua technica, eis os fundamentos do livro. O assumpto é atacado com segurança, e o equilibrio das idéas do scientista revela-se com impressionante clareza, ensinando aos dois sexos o que é util conhecer, sem fantasias, sem o cabotinismo de tantos outros que exploraram estudos do mesmo genero. Neste livro o complexo sexual é tratado com a rudeza da verdade scientifica, porém, sem brutalidade chocante para os espiritos civilizados. O autor estuda o matrimonio em todos os povos, determina a evolução de sua technica, aborda as suas finalidades, e, sem preoccupar-se propriamente com o lado physico, entra no dominio do psychico, analyzando a influencia do espirito sobre o corpo e salientando as suas consequencias. Como muito bem diz o dr. José de Albuquerque, no prefacio do volume, para muita gente, ou melhor, para a grande maioria, sexualidade é synonimo de immoralidade. A palavra *sexual*, em nossa terra, está tão deturpada quanto á verdadeira significação, que até ha quem tenha vergonha de a pronunciar.

A educação sexual, devido mesmo a essa falsa moral de nosso povo, ainda não poude entrar em nosso paiz no dominio das realizações praticas, e os que se abalançam a proclamar a sua necessidade encontram logo quem lhes lance a pecha de licenciosos e os estygmatize com o ferrete da immoralidade. Resultado: a ignorancia faz proliferar males que seriam evitados, si outra fosse a nossa mentalidade.

Pois este livro ensina, instrúe, e a sua edição constitúe verdadeiro arrojo no nosso acanhado meio, onde a moral apparece ainda de olhos vendados.

Heinrich Mann — O ANJO AZUL — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 4$

TRADUZIDO do original allemão, esta obra apparece na *Collecção do livro-film*, destinada aos amantes da téla. A edição é primorosa, rivalizando com as melhores do estrangeiro.

Marie d'Osny — COMO TORNAR-SE E CONSERVAR-SE BELLA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

O desejo de ser bella e de não envelhecer, suppomos, é o unico que empolga as mulheres. Pois este volume é um repositorio de conselhos e receitas uteis para quem quer se fazer bella...

Armon de Mello — S. PAULO VENCEU! — Editores Flores & Mano — Rio — 6$

A explicação do livro, temol-a nas proprias palavras do autor: "*S. Paulo venceu!* é um livro de jornalista, de indiscreções e de verdades. Sou uma testemunha que narra simplesmente o que viu e ouviu, sem quasi externar opiniões ou fazer julgamentos. Para recolher o material que aqui se encontra, tive, no entanto, de lutar com varios obstaculos. A minha qualidade de representante dos *Diarios Associados* não me recommendava muito á confiança dos officiaes. Eram mesmo raros, principalmente no inicio da luta, os que me falavam sinceramente da situação. Eu vivia quasi isolado, como uma pessôa temivel, e isso, em meio á valentia dos combatentes, talvez até me confortasse um pouco a vaidade...

Mas, graças áquelle "impulso humano — a que se referia o Fradique — de latitude infinita, que, como todos, vae do reles ao sublime", levando-nos, "por um lado, a escutar ás portas e, por outro, a descobrir a America", afastei, até certo ponto, as reservas que me cercavam, abri uma brecha na grossa parede da discreção militar e pude, assim, conhecer muita cousa curiosa e sensacional que agora trago á publicidade."

E', pois, uma reportagem honesta e verdadeira, e com ella o jornalista deseja "lançar um pouco de claridade no confusionismo actual e fornecer alguns elementos exactos de informação aos que futuramente se preoccupem com os dias tormentosos e heroicos da Revolução Constitucionalista."

Trabalho de tal natureza, sahido da penna de um jornalista que preza a profissão, tem indiscutivel valor, e póde realmente servir para a reconstituição da verdade historica, futuramente.

Porque, no presente, são tantos os livros sobre a ultima revolução que agitou o paiz, tantos são os disparates e os pontos de vista pessoaes, que a verdade não apparece, ou tudo se confunde no quadro negro dos mais mesquinhos interesses politicos. Sobre o successo deste livro basta dizer que está na terceira edição, no curto espaço de dois mezes.

A. G. Lima — GEOGRAFIA SECUNDARIA — Liv. Globo — P. Alegre — 6$

ESTE trabalho foi organizado de conformidade com o programma da terceira série do curso gymnasial. A linguagem é clara, e o autor dispôz a materia com bastante intelligencia.

Oliver Sandys — A CARAVANA VERDE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

TRADUZIDO do original inglez, este romance apparece na collecção denominada *Nova bibliotheca das moças*.

Leitura suave; apresentação material magnifica.

— Então, dr.?

— Infelizmente, minhas senhoras, é um caso perdido. A molestia encontrou, no organismo depauperado, um terreno fertil para a sua progressão rapida. Accresce que o seu mal é aggravado pelas condições melindrosas do coração enfraquecido. Creio que o doente não terá mais de 48 horas de vida... E' um caso em que o medico, por força de circumstancias se vê obrigado a se declarar impotente, para salvar o enfermo... Só mesmo um milagre poderá salvál-o... Nada mais tenho a fazer, minhas senhoras. Vou me retirar e aguardar em casa a communicação do obito, para poder passar o respectivo attestado.

O MILAGRE

Entre lagrimas e lamentações, a familia de Demetrio, ouviu a sentença terrivel do medico, que não deixou margem para a menor esperança.

"Só mesmo um milagre poderá salvál-o", disse o medico.

Religiosa em extremo, a familia de Demetrio entrou, desde logo, a implorar a Deus a graça de um milagre que roubasse á morte aquella vida moça e promissora.

Promessas foram feitas, e cada qual a mais fervorosa, e, assim, novas esperanças vieram reanimar a desolada familia.

* * *

As primeiras 24 horas que decorreram após a declaração do medico, o doente as passou sem qualquer alteração.

Apenas, de quando em quando, elle tentava descobrir com o olhar, na sala proxima e no quarto onde se encontrava, alguma coisa que, por certo, o preoccupava.

Nesses momentos o seu olhar, já sem brilho, ganhava um fulgor fóra do commum, como si quizesse illuminar o recinto immerso em penumbra.

A familia rodeava-o, procurando adivinhar-lhe os pensamentos, tentando ler-lhe, no semblante e nos olhos, si acaso elle se sentia peor, si era presa de alguma outra dôr que o obrigasse áquelle gesto repetido amiudadas vezes.

Nada conseguia, entretanto.

O doente não pronunciava palavra e só o seu olhar sem brilho e sem expressão trabalhava incessantemente.

* * *

O prognostico do medico foi dado a conhecer a todos os parentes e pessôas mais intimas.

A residencia de Demetrio encheu-se de pessôas interessadas pela saúde do enfermo. Cada qual indagava preoccupado o seu estado: si elle tinha melhorado ou peorado, ou si a molestia se conservava estacionaria...

A todos, a mãe de Demetrio respondia, chorosa, que seu filho estava desenganado pelo medico, o qual lhe disséra que só um milagre o poderia salvar!...

Accrescentava esperançosa, — e nesses momentos os seus olhos cessavam de chorar, — que havia feito uma promessa a N. S. Apparecida, para que seu filho se salvasse, para que a morte, esse espectro terrivel e antipathico, deixasse de rondar a cabeceira do enfermo. Si isso se realizasse, ella iria com o filho pagar a promessa, logo que o mesmo pudesse se locomover. Iriam ambos a pé, sujeitos á longa jornada, até a igreja onde se venera a santa padroeira, assistir á primeira missa que se rezasse no dia da sua commemoração. Tinha esperança, muita fé mesmo, de que N. S. Apparecida attenderia ao seu appello.

Quando a mãe de Demetrio explicava como iriam os dois pagar a promessa, — explicação que era ouvida em religioso silencio e dada em voz baixa, quasi ciciante —, o silencio foi quebrado pela entrada brusca de uma mulher, que, em pranto, indagava do estado de Demetrio.

Nesse momento, o enfermo, que se mantinha em attitude de inspirar compaixão — bôcca entreaberta, olhos cerrados, offegante, faces lividas e inundadas de um suor gelido, — despertou bruscamente daquella lethargia e, abrindo desmesuradamente os olhos em direcção á porta, deixou escapar a palavra: *Zuleika*.

Todos se voltaram para a personagem que chegára inesperadamente e a viram aproximar-se do leito do moribundo, tomar-lhe as mãos esqualidas e geladas entre as suas, cuja alvura punha em destaque o amarello côr de cêra das mãos de Demetrio. Zuleika, em pranto, levou aos labios as mãos do enfermo, beijou-as com carinho e disse:

— Meu pobre Demetrio!...

— Como se custa a morrer!... — deixou elle escapar, em voz baixa, quasi imperceptivel.

— Tú não morrerás Demetrio, porque eu não quero que tú morras... Tú tens que viver e muito, tú tens que ser feliz e o serás!...

— Zuleika, não me falles assim!... Lembra-te que estás na presença de um cadaver...

— Demetrio, eu te falo sinceramente. Tenho a certeza de que te salvarás, e iremos os trez — eu, tú e tua mãe, pagar uma promessa feita a N. Senhora...

A' proporção que Zuleika falava, Demetrio foi se animando e a mutação operada em seu rosto despertou a attenção dos presentes.

— Zuleika, por que choras? Dizes que eu me salvarei e choras?... Será que te arrependeste de haver desejado a minha vida? E's tão má, que nem mesmo neste momento, em que eu estou agonizante, não hesitas em tripudiar sobre o meu cadaver...

— Demetrio, meu amôr, meu querido, eu não sou tão má como erradamente tens me julgado... Eu sou bôa e te quero tanto, que vou te dar agora, publicamente, a maior prova do muito que te quero, minha vida...

— Zuleika, sempre recusaste fazer-me feliz, e sabias que a minha felicidade só de ti dependia... Nunca quizeste ouvir-me seriamente; fizeste-te indifferente aos meus soffrimentos physicos e moraes até me levares ao tumulo, o que

De Orlantino Loredo

não tardará... Por que, então, agora, neste momento supremo, quando conscientemente eu sei que a minha vida está a findar, vens apressar o desenlace?...

— Demetrio, eu te juro que estou falando sinceramente, e, si duvidas, exige de mim uma prova convincente e eu t'a darei.

— Zuleika, eu não tenho mais o direito de exigir coisa alguma, porque dentro de poucas horas estarei morto. Quero, entretanto, pedir-te um favor, na hora extrema: — não me tortures mais com a tua ironia, com o teu pouco caso; deixa-me morrer sem mais torturas. A tua maldade mede-se pelos teus dotes physicos; o que tens de bonita, tens de má! Basta!...

— Demetrio, meu amôr, eu não sou o que tú, injustamente, julgas... Eu sou bôa e carinhosa... Quero-te muito, sempre te quiz... Si não te dei provas disso, como desejavas, foi tão sómente devido ás convenções sociaes a que todos nós estamos subordinados por força de circumstancias. Demetrio, eu sempre te quiz com o mesmo affecto, não obstante não te ter dado nenhuma prova positiva e irretorquivel do meu sentimento. Receiava não ser correspondida logo que fosse por ti conhecido o meu affecto... Quero-te muito, Demetrio, podes crêr.

— Zuleika, eu tenho o direito de duvidar de ti, até mesmo da sinceridade das tuas lagrimas, pois sempre foste ironica commigo. Innumeras vezes eu te procurei convencer da sinceridade do meu affecto, da pureza do meu sentimento; fiz tudo quanto pude para que tivesse a certeza do muito que te queria. Duvidaste sempre. Escolheste este momento, em que o meu corpo vae baixar á sepultura, para tentares convencer-me do teu amôr por mim... Julgas que te acredito? Pois, si assim o pensas, enganas-te lamentavelmente. Eu não te acredito, não te acreditarei jamais... O que tú sentes por mim, neste momento, é dó, é um movimento de commiseração pelo moribundo e... nada mais! Basta de fingimento! Guarda as tuas lagrimas! Não chores mais, pois o chôro te dá ao semblante um aspecto pouco sympathico...

— Demetrio, por Deus, não duvides de mim, meu amôr! Dá-me a tua bôcca: eu quero depositar nos teus labios o meu primeiro beijo de amôr!...

Zuleika collocou os seus labios sobre os de Demetrio e beijou-os soffregamente. Tal gesto deixou perplexas as pessôas presentes, testemunhas da attitude de Zuleika. Demetrio, emquanto Zuleika o beijava, conservou-se immovel.

Desde esse momento, o enfermo entrou a melhorar consideravelmente e, já no dia seguinte, eram taes as suas melhoras, que a familia não se poude furtar ao desejo de chamar o medico assistente para communicar-lhe o occorrido.

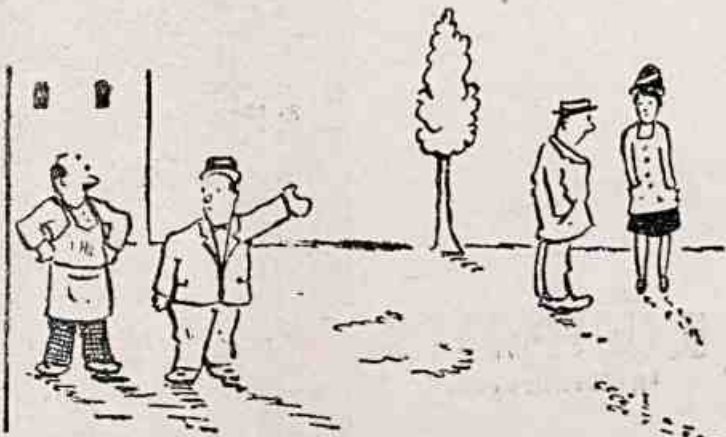
O medico veiu logo, na certeza de que iria passar o attestado de obito e a sua estupefacção foi ao auge quando, ao defrontar-se com o enfermo, o encontrou com outro aspecto, dando a impressão de que nada de grave se havia passado.

Refeito da surpreza, inquiriu as pessôas da familia, pois queria saber o que se havia passado, o que tinham feito para salvar o doente, que elle havia desenganado quarenta e oito horas antes...

A familia de Demetrio contou, então, a scena passada entre Demetrio e Zuleika, garantindo que apenas isso de extraordinario havia occorrido depois da declaração do medico.

— "Só um milagre poderá salvál-o", disse eu, ante-hontem, minhas senhoras. Lembram-se? Pois o milagre se realizou...

* * *

Um mez depois, numa linda manhã de sol, partiam para Apparecida, afim de pagar a promessa: Demetrio, sua velha mãe e Zuleika...

— Case-o, homem! Não faltam maridos.
— Sim. Mas os maridos estão todos casados...

a Paramount apresenta
algumas de suas producções para 1933

ADEUS A'S ARMAS
"A FAREWELL TO ARMS"

COM

Gary Cooper, Helen Hayes, Adolphe Menjou, etc. Um filme de lagrimas e sorrisos, historiando um amôr infinito como o Céu!

BEIJOS PARA TODAS
"A BEDTIME STORY"

COM

Maurice Chevalier, Baby Leroy, Helen Twelvetrees e Everett Horton. A historia de um bebésinho que barrou muita pequena bôa...

APAIXONADAMENTE
"PASSIONEMENT"

COM

Koval, Florelle, Davia, Baron Fils, Urban, etc. O esforço de um marido por não ser o que, na sua opinião, todos os maridos eram...

TRANSATLANTICO DE LUXO
(LUXURY LYNER)

COM

George Brent, Zita Johann, Vivienne Osborne e Alice White. Um choque de vidas, um conflicto de sexos, desencadeado em pleno Mar!

A HERENÇA DAS ESTEPES
(HERITAGE OF THE DESERT)

COM

Randolph Scott e Sally Blane. Um drama apaixonante nos impulsos que o movem, tocante na pureza das almas que o vivem.

SABADO ALEGRE
(HOT SATURDAY)

COM

Nancy Carroll, Cary Grant, Randolph Scott. O mundo triumphou sobre o seu coração, mas ela foi forte e o venceu!

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 34

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1933

Director: SERGIO SILVA

Gente perigosa...

O longo martírio da "inteligencia" russa começa com Natalia Dolgurukaia, que acompanhou seu noivo ao desterro, salvando-o da fome, no seculo XVIII. Radichtchew, o Voltaire moscovita, passou dez anos na Siberia e, de volta, ameaçado de novo castigo, matou-se apavorado. Novikow, que combateu a venalidade de magistrados e funcionarios, e defendeu os direitos da mulher, foi parar nas frias masmorras da fortaleza de Schlusselburg. Ryleiev e os escritores e poetas que participaram da frustrada revolução de 1825 formaram longo comboio de exilados a caminho das estepas siberianas. O grande Pukhine viveu arredado e sob vigilancia, depois do seu poema *Golvielida*. O comediografo Yriboiedow foi preso. Tchadaiew viu, no reinado de Nicolau I, seu jornal *O telescopio* suprimido, enquanto o metiam no hospicio como alienado. Em 1862, o notavel publicista Bielinski era enviado para os gelos polares, onde passou vinte e um anos! Soloviov, suspeitado de separatismo, passou longos anos exilado em Sarator. O mêsmo destino tiveram Chevtchenko e Kulich. Tchernichevski foi parar na cadeia. Turguenief, por causa dum artigo sobre Gogol, gozou um mês de calabouço. Em 1845, a Siberia povoou-se de inteletuais implicados numa conspiração, não se sabe se verdadeira ou inventada pela policia, entre os quais Petrachevski e Dostoievski. Saltikow teve Viatka como lugar de desterro. Trancaram-se, então, as matriculas em todas as universidades e proibiu-se o ensino da filosofia. Grigoriev enlouqueceu de pavor depois de oito mêses de prisão. Herzen foi banido em 1850. Bakunine, atirado ás minas da Siberia, conseguiu fugir pelo Pacifico para a America do Norte. Chtchevrine, devido a um romance julgado criminoso, passou oito anos no degredo. O romancista Korolienko tambem não escapou a esse castigo. A geração de Vera Tigner quasi toda se repartiu entre as masmorras das fortalezas de Pedro-e-Paulo e Schlusselburg, a Siberia e as minas dos Urais. O menor pecadinho de ordem politica era suficiente para isso.

O comunismo vitorioso, que todos êsses inteletuais, direta ou indiretamente, ajudaram a surgir e a desenvolver-se, em lugar de melhorar a existencia dos pobres inteletuais, veiu peorá-la, acusando-os de sentimento burguês e de aulicos das tiranias. Segundo os melhores dados, aboliu contra os representantes da "inteligencia" em desacordo com sua organização os barbaros, antiquados e ronceiros processos do tsarismo. Fuzilou-os ás duzias, suprimiu-os ás grosas. E fez muito bem. Trata-se de gente muito perigosa, porque enxerga um palmo adeante do nariz.

As tiranias e as revoluções são irmãs gemeas, com uma só diferença: dumas o povo não gosta porque são obra dum individuo ou duma casta; das outras, gosta embevecido porque pensa que são obra sua... Elas não devem poupar os inteletuais, gente perigosa e que para nada serve, objetos de luxo ou de adorno. Nada mais...

Gustavo Barroso

Um escriptor victorioso

O nome de Berilo Neves é como o de certos perfumistas que já conquistaram a preferencia da gente do bom gosto. Notadamente as mulheres. Coty, Caron, Guerlain... Elles dispensam, perfeitamente, qualquer réclame, nos meios elegantes.

E' o caso do nosso Berilo Neves.

Berilo é uma especie de Coty das letras nacionaes.

Curioso, porém, é que, emquanto aquelles fabricantes de perfume se impõem á admiração das bellas Evas, pelo que lhes dão de agradavel, o ironista cruel de "A Costela de Adão" se torna querido por ellas pelo que lhes offerece de desagradavel: a sua sátyra, a sua mordacidade, a sua "blague", a sua "verve"...

Bemdita irreverencia! E bemdita contradição feminina!

Bemdita, principalmente, para o felizardo do Berilo Neves.

Porque, graças a esse espirito contradictório, — das creaturas de saia — é que elle é hoje um nome consagrado. De norte a sul do paiz.

* * *

Bem.

Por ahi se vê que não é mais preciso dizer quem é o escriptor Berilo Neves.

Machado de Assis se queixava, amargamente, do martyrio que era — ter de contar tudo explicadinho... Tim tim por tim tim... E clamava contra a mediocridade alarmante dos homens de pouco alcance. Essa mesma mediocridade de que Pitigrilli, ironicamente, louvou em "Cocaina": "Sia lodata la mediocritá..."

Mallarmé tambem sustentou a these de que — "o merito do verso symbolista estava em poder suggerir as idéas". E não em expôl-as, cruamente, como é do gosto e do dever do parnasianismo de Heredia e Banville.

De accordo.

Explicar, pois, o Berilo Neves seria repisar o que elle é de facto: — o escriptor actualmente mais lido no Brasil. E justamente por que fala mal das mulheres.

Que paradoxo!

Emfim...

* * *

Mas, nem sempre o nosso Berilo se compraz em falar mal de um e de outro sexo.

Não! A's vezes, elogia a ambos. E' o que se vê em "Pampas e Cochilhas", — o seu ultimo livro.

A senhorita Maria Neves Ribeiro, que se encontra presentemente no Rio, é uma figurinha de esplendente graça pessoal e formosa intelligencia da melhor sociedade de S. Luiz, Maranhão. E' sobrinha do nosso collaborador Berilo Neves e reúne aos dotes de espirito uma fina sensibilidade artistica. E' uma expressão da cultura mental de sua terra.

E' verdade que elogia, de preferencia, as gaúchas. As filhas do sul, realmente, são creaturas adoraveis. Nisso ellas se parecem com as paulistas.

Entretanto, o que agrada no livro do conteur de "A Mulher e o Diabo" é a arte, a graça, o brilho, o espirito ágil e a luminosidade com que elle observa as coisas, para depois commentál-as nas suas paginas vividas e irrequietas.

* * *

"Pampas e Cochilas" é, antes de tudo, um livro de observação acurada.

Berilo Neves não teve apenas a preoccupação de fazer da sua obra um méro repositorio de impressões *á la diable*, á maneira de um activo reporter de vespertino. Este colhe aqui, para dentro em poucos minutos fornecer a sua colheita ás linotypos devoradoras e nervosas — os Molochs (permittam essa imagem mofada...) os Molochs insaciaveis da imprensa moderna.

Não. O que Berilo Neves fez foi muito simples: retratou typos. Não com os detalhes e a paciencia de um clássico da escola de Greuze, de Fragonnard ou de um Ingres, — mas com o espirito modernista e rebelde de um irreverente Picasso.

Eis tudo!

* * *

E, por isso mesmo, é que elle consegue ser um escriptor do seu tempo. Agrada. Distráe. Dá o que pensar. E' elegante. E' incorrigivel, em summa.

E' bello e é bom.

E depois de tudo isso — o que é que acontece?

A inveja terrivel contra elle.

Berilo é, na realidade, invejado pelos homens de mentalidade acanhada e coração pequenino. Em compensação, é amado pelas mulheres — geralmente, sem coração, — mas que, em todo caso, ainda fazem a gloria de um escriptor da sua estirpe.

E é isso o que elle quer.

Yves

O NOME

A gelidez da velhice e o calor da sua crença puzeram um tremor nas suas mãos de pergaminho: tiritavam assim pela névoa que lhe engelhava o corpo encarquilhado, pela constancia de, penitente, desfiar o seu rosario, em que se inflammava, em fé, a sua alma.

A sua idade estava nas folhas rotas de seu breviario, mais antigo do que os missaes, mais velho do que a primeira lembrança de sua vida: tão apagadas as letras, tão esmaecidas as paginas, que não as poderia reler si não as soubesse de cór!

Poupavam-no, nas vigilias e nos exorcismos, os companheiros da cella, afastando-o, compassivo, dos sacrificios liturgicos. Mas, naquelle dia, da sua devoção, tropego, derreado, arrastando os passos, foi ao altar para a missa votiva. A cabeça toda alvura, sob o bioco inconsutil, de neve, dos cabellos brancos. Rebrilhava sob a purpura e o oiro dos paramentos, translucido quasi, como uma figura biblica de vitral dardejado de sol.

Pendidas das misulas, presas a correntes anneladas de prata, as lampadas vermelhas, ardendo, chammejando, como rubis accesos na ponta de um rosario.

Na ascenção do calice, ao retinir da campainha, como que um enlevo extatico o estonteou. Uma lembrança qualquer, vinda do outro lado da vida, da outra orla do mundo, adejou sobre os seus olhos, ennevoando de uma suavissima abstracção a sua alma angelical. Alheiou-se de si mesmo, como si, numa agonia seráphica, sentisse o prenuncio de uma vida melhor, a resurreição para um sonho mais puro!

Quebrou a hostia em nove pedacinhos e com elles, em vez de fazer uma cruz sobre a patena, como no antigo rito mozarabico, escreveu sobre a ara, com os nove fragmentos divinos, apenas uma letra...

Sentiram-no desfallecer os irmãos de confraria ampararam-no, carregando-o para a cella, onde, a sorrir, inconsciente do seu primeiro peccado, cruzou as mãos na derradeira préce, fechou os olhos para a noite que não amanhece.

Mais tarde, emmudecidos os sinos em repousos, esquecido o sacrilegio com o perdão, mitigada a ausencia com a saudade, andavam todos, pelo adro, sob as arcarias, em timidas confidencias, a sussurrar baixinho, a cochichar, em segredo, sobre o mysterio daquella letra traçada sobre a toalha branca da ara do altar. Seria a inicial do nome de uma santa? Romance?... Sorriam, e cada um pronunciava, adivinhando, um nome de mulher. Um, porém, o mais moço de todos, entre os capuchos ingenuos, sorria, mas calava. E' que o nome, que se aflorava aos seus labios e se escondia, medroso, sob o sorriso, não começava por aquella letra...

EDVARD CARMILO

A mulher chic — Creações Jean Patou

Jaquette drap jaune sur robe de crêpe imprimé de tons pales (bleu, gris, jaune).

(Photo especial para FON-FON).

Feira de vaidades

DELARUE MARDRUS

Mais uma voz harmoniosa o Rio conquistou para cantar as suas bellezas. De regresso a Paris, Lucie Delarue Mardrus manifestou-se encantada com a nossa terra e a nossa gente. A poetisa excelsa cantou um hymno ao Rio de Janeiro, em cujo seio amoroso veiu encontrar a surpreza de uma sociedade fina, velha conhecida dos boulevards parisienses.

Na moldura exótica da cidade, com o arremesso de seus picos graniticos e o espelho movel de sua bahia sonhadora, **Delarue Mardrus** *poude ver uma agitada vida humana, que tem profundas affinidades com a alma do seu povo.*

A sinceridade da poetisa de França encantou-nos a todos, porque não diminuiu a sua sensibilidade, como a muitos outros, a confissão de ter conhecido em terras longinquas e consideradas incultas, o espirito de uma gente, que parece gravitar em torno do centro solar da intelligencia, dessa eterna e miraculosa fonte de graça e de esthesia, que é a França immortal.

Abençoada seja a voz sonora da fada itinerante, que aportou um dia na Guanabara para dizer, descrevendo parabolas no ar com a sua varinha de condão, que esta era a cidade encantada das Mil e Uma Noites...

Para os amigos, que acharam em nós mais alguma coisa do que o pittoresco da natureza tropical, da selva oppressôra, da terra fecunda, sabemos reservar um pouco de carinho que, talvez, seja fructo de vaidade e presumpção, mas tambem de reconhecimento e de sinceridade.

Lembre-se a poetisa do thema de uma de suas conferencias: "mon violon d'Ingres". *Temos tambem o nosso. Queremos parecer civilizados...*

LUCIANO

CIRCUITO DA ELEGANCIA

SABBADO, a cidade viveu uma tarde de esplendor. Vestiu o mais lindo crepusculo do inverno. Tinha o ar uma doce luminosidade e tudo parecia tocado da belleza immaterial das coisas. Nessa atmosphera, a cidade era um chromo de festa. Rutilava como um escrinio de pedras preciosas. Parecia a caixa de joias de um magico, deixada aberta para deslumbrar.

A tarde tomou conta da cidade, como si lhe tivesse dado a beber um vinho generoso, ou lhe arrebatasse os sentidos num somno de opio, creador de visões, povoador de imagens.

Não devia estar em si de tão linda, tão impressionantemente linda, a alma bohemia do Rio, que nesses crepusculos de inverno anda a cahir pelas ruas, ebria de sonhos e de fantasias...

* * *

Perdido na multidão, fui ver o desfile das elegancias da cidade, no seu habitual circuito de todos os sabbados, a que já se obrigou a ronda graciosa das mulheres.

Havia, na Avenida, na rua do Ouvidor, na rua Gonçalves Dias, uma nota de irresistivel sympathia: a curiosidade amavel de turistas sul-americanos, chegados naquelle dia e ávidos de participarem do movimento popular das arterias centraes, que tão nitidamente exprimem um aspecto da psychologia das grandes cidades. Elegantissimas senhoras argentinas e uruguayas, em sóbrias *toilettes* negras, da sua preferencia, em contraste com o amor das côres berrantes das nossas patricias, davam ao circuito das graças cariocas uma impressão de novidade. E a delicia de ouvir-se o castelhano articulado por vozes femininas completava o espectaculo desse desfile, como se naquella hora se consumasse o milagre de uma integração de toda America do Sul no bloco feminino das elegantes do Rio de Janeiro...

* * *

A's primeiras luzes dos annuncios, que a civilização moderna accende a gaz neon, mais se accentuaram, no movimento da rua do Ouvidor, os traços animados daquella galeria humana.

Não ha quadro mais bonito: a rua do Ouvidor, ao anoitecer, neste doce inverno carioca, formigando de lindas mulheres, com as guirlandas multicôres dos annuncios luminosos, suspensos aos portaes das lojas, como numa festa veneziana.

* * *

A' porta da Colombo, comprimia-se uma multidão. A rua estava quasi impedida de transito. Numerosos turistas. Um amigo uruguayo apontou-me algumas figuras representativas da sociedade de Buenos-Aires e Montevidéo. Tomei nota, exultante. Eram a senhora W. C. Barthmann, a senhora doutor Juan B. L. Brunen, a senhora Manuel Carreras, a senhora doutor Frederico Carbonell, a senhora Miguel José Estrada, a senhora Honoro Federici, a senhora Americo P. Garoppo, a senhora doutor Santiago Gorostiague, a senhora Juan Juaregui, a senhora Enrique Vicent Jurado, a senhora Juan Primavera, a senhora Camilo Prieto e a senhora Justo Felix Pizzarro.

* * *

De cima, da Colombo, os ultimos accordes de um tango languoroso vinham até a rua, como uma homenagem aos turistas.

A cidade mudou o vestido do crepusculo, de meias tintas, espiritual.

A illuminação das ruas completou a *toilette* de noite da cidade...

TENNIS

AS tardes do Fluminense, na ultima semana, fôram lindas. O Fluminense e o Club Paulistano disputaram a taça Mario Prado Aranha. A interessante competição entre os dois mais fortes nucleos de tennis do Brasil levou ao Fluminense uma procissão de bellezas femininas.

O jogo apresentava, no bonito scenario do Club, as tennistas sra. Odette Monteiro, sra. Rheingantz e a senhorita Gracyra Costa. Não me interessava saber quem venceria.

Que heroismo o de um juiz que decide contra uma jogadora elegante e bella!

* * *

Estavam presentes ao jogo, entre outras: a senhorita Maria Amelia Thompson Motta, a senhora Gaspar Coelho, a senhorita Celia Maria Thompson Flores, a senhorita Lourdes Nelson Machado, a senhora Carlos Sylla, a senhora Bertha Pinto de Moraes, a sra. Ponto da Silveira, a senhora Amaral Nogueira, etc. etc.

A' HORA DO CHA'

5 da tarde, na Lallet. Essa quinta-feira poderia ser marcada no carnet do homem elegante com o nome singelo de "vesperal azul". Azul em todos os tons. Era a tarde suavissima da angelitude. O proprio céo tinha uma transparencia azul muito doce. E as moças bonitas do Rio pareciam ter combinado a sua preferencia pela côr do céo.

* * *

As mesas da Lallet estavam floridas de azul. E as senhoras, todas ellas, vestiam ou tinham um adorno desse tom. Não me contive. Fui ao grupo de umas amigas mais intimas. E perguntei-lhes:

— Por que tanto azul? Só vejo, nesta tarde, quem vista assim. E' côr da moda?

Sorriram. Não disseram nada, de prompto. Fui eu quem continuou a falar. Sentei-me. Vieram outros assumptos. E eu fiquei sem resposta.

* * *

No outro dia, á mesma hora, na mesma companhia, coube ás minhas amigas perguntarem-me:

— Que tinham, hontem, os seus olhos, que viam tudo azul?

A côr estava em mim. Fôra uma simples illusão dos meus olhos...

O. K.

COPACABANA, mesmo no inverno, é um encantamento. A Avenida Atlantica deveria ser o espelho das praias mais fascinantes do mundo. Ha uma força de mysterio e de attração nessa avenida á beira-mar. Quem sabe o que lhe reserva o destino? Que será, amanhã, Copacabana? Não sei o que acontecerá. Mas, pelo menos, um grande romance fixará essa praia no enredo da mais emocionante historia de amor, já vivida no mundo inteiro. Pelo menos...

* * *

Vinha pensando assim, domingo ultimo, cerca do meio dia. Havia muito movimento na praia, nos diversos postos. E na Avenida os automoveis corriam em fila, numerosos. Uma surpreza me esperava: A' esquerda do Lido, um mundo elegantissimo reunia-se para o apperitivo. O. K. é o novo ponto da Avenida Atlantica, onde a gente pode repousar os olhos em suavissimos retratos humanos. Fervilhava de elegantes e de bellas.

* * *

Entre dois *coktails*, vi contemplando o mar defronte: as senhoritas Cardoso Fontes, a senhora Pontes de Miranda, as senhoritas Anysio de Sá, a senhora Miguel Oakim, as senhoritas Conceição e Maria Adelmar Tavares, as senhoritas Frederico Eyer, a poetisa Hyldeth Favilla, a senhora Bricio Valentim, as senhoritas Ernesto Bouças, a senhora Carlos Waldemar.

* * *

Que não será O. K., no verão?

STUDIO EROS VOLUSIA

O prestigio literario de Gilka Machado, consagrada a primeira poetisa do Brasil, alliado ao talento de sua filha, essa menina extraordinaria, que é Eros Volusia, tem proporcionado ao Rio tardes de fina e confortadora espiritualidade. Ainda sabbado, a hora de arte que se realizou, sob os auspicios das duas privilegiadas madrinhas, no Studio Eros Volusia, alcançou um exito magnifico. A bonita sala do Studio foi pequena para conter as artistas, os poetas, os escriptores e, especialmente, as formosas senhoras de sensibilidade esthetica, que lá compareceram para o gozo de uma hora verdadeiramente espiritual.

CINEMA

HA muita gente que não sabe porque não consegue apagar da memoria certas impressões gravadas ha tempos remotos. Coisas insignificantes teimam em ficar presentes á lembrança. Fixam-se na propria imaginação e renascem de si mesmas, como no milagre da phenix. Gosto de rever essas coisas e faço dellas o meu theatro interior. Não estranho que insistam em revelar-se, que me persigam até. Comprehendo o amor do passado e estimo, eu proprio, a sua fidelidade. Tenho pena só de que innumeras creaturas, como eu, não possam fazer no écran d'alma projecções luminosas com effeitos sensacionaes, mas, apenas desenhos humildes, que lembram as sombras animadas das mãos na parede, á luz frouxa de um candieiro, no serão da casa pobre da fazenda. E essas sombras, que foram? Foram tudo: a imagem do futuro, a ciranda da imaginação, o sonho, a esperança, o ideal.

Articulando com a collocação dos dedos o corpo do desenho, a gente foi um artista primario, que os estimulos domesticos sacudiram e animaram, com o symbolo da luz necessaria, de que somos, apenas, uma interposição.

Por esse mundo afóra, quantos não existem venturosos que, desse tempo remoto, guardam imperecíveis lembranças de fulgurantes desenhos? E são esses os que pensam mais na insignificancia de sua representação e na teimosia, com que repontam na memória.

Pois eu exalto o pensamento ao embalo da recordação desse primeiro cinema da minha infancia, embora o lume que o accendesse para projecção das sombras animadas na parede, sombras das minhas mãos, que eram sombras do meu espirito, fôsse, apenas, a humilde claridade de uma pobre lamparina...

E quando hoje, com a vista perturbada pela luz forte de poderosos reflectores electricos, recolho-me a scismar, são aquellas imagens do passado, que me ajudam a repousar da canseira dos olhos. Volto, então, a rever, na parede branca e lisa da imaginação, os calungas pretos, que as minhas mãos articulavam á luz triste de velhos candieiros.

E adormeço, como uma criança, com a cabeça cheia das historias bonitas do passado...

LUCIANO

Os officiaes de Marinha que acompanharam o ministro Protogenes Guimarães na recente viagem de s. ex. ao Estado de Minas Geraes promoveram, na penultima quarta-feira, na Patronoria da ilha das Cobras, um almoço em homenagem ao titular da pasta da Marinha, tendo participado do mesmo todos os componentes da comitiva do almirante Protogenes. O «cliché» desta pagina focaliza um aspecto da mesa do almoço e um grupo das pessôas que nelle tomaram parte.

O Club dos Advogados promoveu sabbado ultimo um almoço de confraternização da grande classe dos cultores da lei, que se reuniram, para uma hora de «bôa amizade», no salão de banquetes da Confeitaria Paschoal, onde se realizou o ágape expressivo. Innumeros advogados do Rio de Janeiro e alguns dos Estados, presentemente nesta capital, alli estiveram, tomando parte no almoço, palestrando cordealmente e ouvindo os discursos dos drs. Gabriel Bernardes e João Mangabeira, que foram os oradores da festa.

O corpo clinico e a directoria da União dos Empregados do Commercio por occasião da solennidade inaugural dos novos serviços clinicos alli installados e que representam um grande melhoramento para aquella prestigiosa associação de classe.

O Tijuca Tennis Club offereceu no ultimo sabbado uma brilhante festa de arte clássica aos seus associados, apresentando um programma em que tomaram parte as cantoras Lucina Sceiro e Nice de Araújo Jorge, a pianista Maria A. França, a declamadora Olga Ferraz, o violinista Isac Fedelmann, o barytono E. Demarco, o baixo A. De Lucchi e as bailarinas Daisy Igel Hardem e Grace Hampshire. Estão aqui vários aspectos dessa linda reunião.

Caverna de Ali Babá

Saboia Ribeiro é uma das mais robustas organizações literarias da moderna geração brasileira. Poeta e escriptor de raça, é autor de varias obras que muito lhe recommendam o vigor da intelligencia, a cultura e os primores do estylo, entre as quaes, «Rosas de Malherbe», versos, e o magnifico trabalho, que é sua these de doutoramento em medicina — «Ensaio nosographico de Augusto dos Anjos» — approvada com distincção. Agora, Saboia Ribeiro, em «Rincões dos Fructos de Ouro» — obra premiada pela Academia Brasileira de Letras — se nos revela seguro dominador da technica do conto, de feição regionalista cue são todos os que elle vem de enfeixar nesse magnifico volume. Scenarios, typos e coisas da terra bahiana — eis o pittoresco ambiente dentro de que Saboia Ribeiro movimenta os personagens dos contos de «Rincões dos Fructos de Ouro», admiravelmente trabalhados. «Os ciganos», «Ferocidade», «Gente nativa», «Destinos», «Vida Aspera» Rhapsodia do Rio», etc., são paginas fortes de impressiva documentação psychologica da gente dos nossos sertões.

A SÉ DA BAHIA

O caso da Sé da Bahia preoccupa todos quantos, neste vasto Brasil, amam o passado e a memoria dos factos historicos. Filha primogenita da colonização portugueza, a Bahia ostenta igrejas maravilhosas e conventos ainda mais maravilhosos, como por exemplo o de São Francisco de Assis. Sua matriz é talvez o mais antigo monumento religioso do paiz, sem duvida construido ahi por 1580. Representa o seculo XVI, emquanto os templos de Minas datam de fins do XVII e começo ou meado do XVIII, havendo mesmo chafarizes da primeira década do XIX.

Um novo livro do festejado escriptor Christovam de Camargo: «Contos impossiveis». O autor de «O estranho caso de Pelino Mendes» e de «O enigma mulher» confirma, na sua mais recente obra de ficção, aquellas brilhantes qualidades literarias, que marcaram o triumpho de seus livros anteriores. Christovam de Camargo é, além de uma imaginação sempre nova, um estylo correntio e amavel, a cuja trama elegante o leitor fica a dever inesqueciveis momentos de prazer intellectual. Em «Contos impossiveis», o autor crêa enredos curiosos, desenvolvendo a fabulação com riqueza de detalhes humanos, mesmo quando as suas historias parecem envolver os assumptos mais inverosimeis. O exito do contista corre, aliás, parelha com o do ensaista de «O Grave problema da instrucção popular no Brasil», obra premiada pela Academia de Letras. Por isso mesmo, os «Contos impossiveis» estão destinados ao exito, que obtiveram os seus livros anteriores.

Com essa antiguidade e com o seu valor tradicional correspondente, a Sé Velha da cidade do Salvador, como as igrejas mineiras, deixou de ser cousa local para pertencer de facto ao patrimonio do Brasil, Brasil-Raça, Brasil-Nação, Brasil-Humanidade. Todos os brasileiros têem o direito de velar por elle e de protestar, portanto, quando o quizerem destruir.

Obra antiga e batida pelos temporaes das lutas na guerra hollandeza, com sua fachada que dá para o mar ainda incompleta, ella apresenta os mais puros caracteristicos do barroco portuguez no inicio do seu desenvolvimento. E' quasi uma igreja da Renascença, cuja sumptuosa floração de relevos se sente na porta lateral que dá para a actual rua Chile. Como trabalho de pedra de obragem bem lavrada, nesse estylo é um dos raros exemplares existentes em toda a America.

De dez ou doze annos a esta parte, a municipalidade bahiana deseja fazer o alargamento da estreita rua Chile. Para isso é preciso demolir a Sé. Ponhamol-a abaixo! Gritam os que só enxergam nas cousas as apparencias materiaes.

(Conclue na pag. seguinte)

Dr. Leite de Castro, illustre figura da classe medica brasileira, membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia e da Sociedade de Urologia e chefe de clinica da Beneficencia Portugueza, que acaba de ser homenageado pelos seus amigos.

Herbert Moses é um dos nomes de maior prestigio e relêvo nos circulos da actividade jornalistica nacional, e, particularmente, na imprensa carioca, onde ha longos annos elle milita com brilho e notavel efficiencia. Espirito dynamico, dotado de admiravel capacidade de trabalho, Herbert Moses, que tanto tem trabalhado em pról dos interesses da classe jornalistica, é, por isso mesmo, o vulto naturalmente indicado para representál-a na grande Convenção Nacional. A imprensa tem o direito de ser representada na Constituinte e o nome que ella para isso escolheu — o de Herbert Moses — é digno realmente dessa demonstração de confiança com que o distinguiu, em gesto expressivo e honroso, a classe jornalistica.

CAVERNA DE ALI-BABA' — (Conclusão)

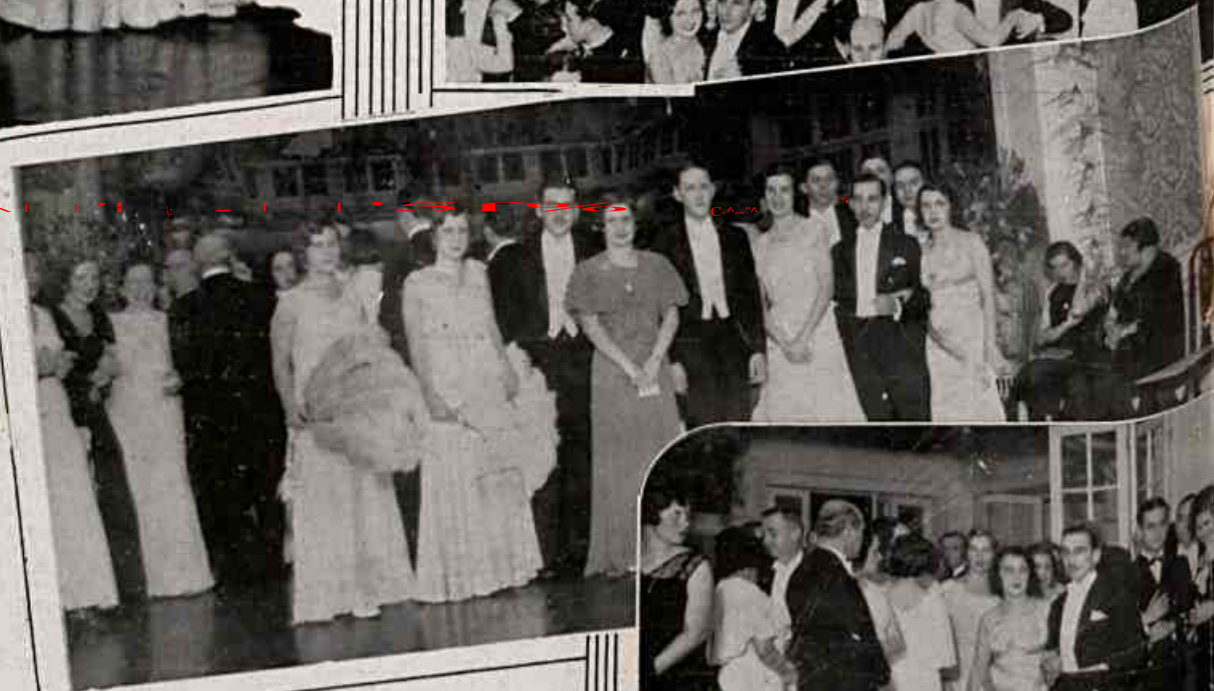
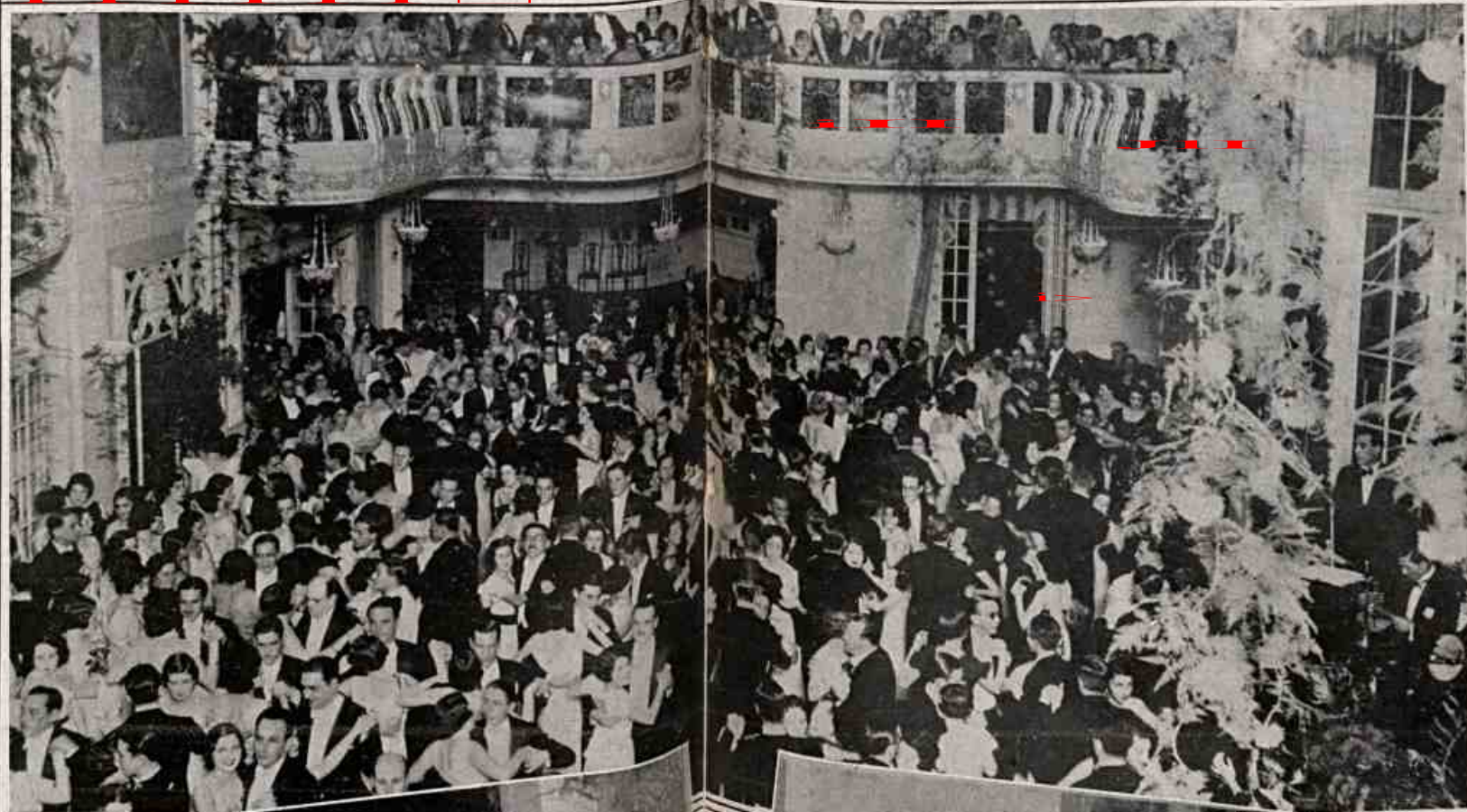
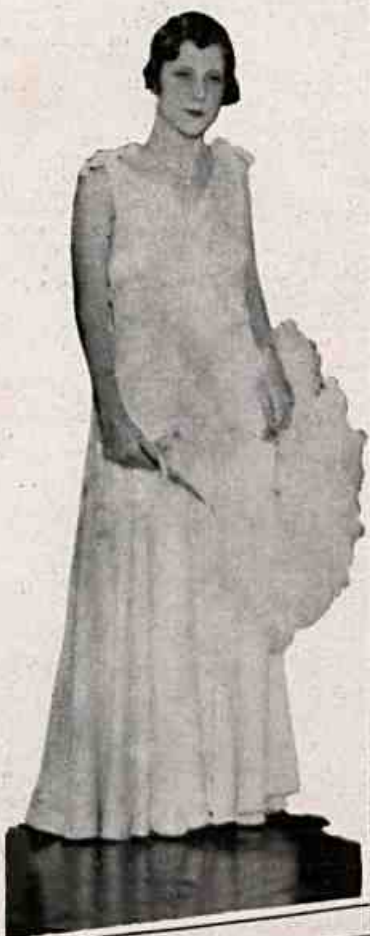
Mas os que nellas sentem uma alma protestam e procuram impedir a profanação.

Nós nos arrolamos com orgulho entre os ultimos, repetindo o conselho de Pierre Loti: "Guardemos a tradição de nossos paes, que parece nos prolongar no passado e para o futuro, tornando-nos dignos dos homens e dos tempos que hão de vir." — Sésamo.

"OUTROS POEMAS"

Armindo Rangel reuniu na sua aprazivel vivendo de Copacabana um grupo de amigos e homens de letras, aos quaes leu o seu novo livro de versos, intitulado "Outros poemas". Foi uma hora de inesquecivel prazer intellectual essa que o illustre poeta proporcionou ao selecto numero de seus amigos e admiradores. Armindo Rangel tem uma sensibilidade moderna, compondo versos com uma graça infinita, uma grande delicadeza lyrica e um admiravel senso esthetico. Resalta, alem disso, na poesia de "Outros poemas", uma notavel veia epigrammatica. Na verdade, não se sabe qual o maior: se o delicioso cantor sentimental, ou se o penetrante epigrammista, que os versos revelam.

Armindo Rangel ha muito tempo não dava um livro novo. Por isso mesmo é natural a curiosidade literaria que "Outros poemas" despertam. E os applausos ao poeta serão sem conta, pelo que antecipam os que lhe fôram dados, no circulo selecto e autoriado dos homens de letras, que mereceram as primicias da excellente poesia, na linda casa de Armindo Rangel, em Copacabana.

A passagem do primeiro anniversario da morte de nosso inolvidavel patricio Santos Dumont foi commemorada com as mais justas e piedosas homenagens. O Centro Carioca envidou todos os esforços para que essas demonstrações de saudade pela morte do «pae da aviação» se revistissem de um cunho verdadeiramente pomposo. Por isso, domingo ultimo, além de outras solennidades, que se realizaram nesta capital, foi levada a effeito uma grande romaria ao tumulo de Santos Dumont, no cemiterio de S. João Baptista. O mausoléu apresentava um aspecto imponente, coberto, como estava, de corôas e flôres naturaes. Durante a visitação, falaram diversos oradores, que deploraram a perda do insigne brasileiro, retraçando-lhe o fulgor da personalidade, que enche por si só, a civilização contemporanea. A nossa gravura focaliza um dos flagrantes mais expressivos da piedosa romaria á necropole de Botafogo e Santos Dumont num dos seus ultimos instantaneos.

O BAILE DE ANNIVERSARIO DO FLUMINENSE

O Fluminense Football Club commemorou, com o maior brilho e imponência, o 31º anniversario de sua fundação. O glorioso club organizou, para isso, um programma magnifico, que abrangeu uma semana de festas ininterruptas, que decorreram com a maij viva animação e assignalado esplendor. Encerraram-se esses festejos com um baile sumptuoso, no qual tomaram parte figuras de notável destaque em nosso meio social. E foi assim que os salões do Fluminense se movimentaram, na noite de 22 do corrente, ao contacto de uma multidão galante de sorrisos encantadores e de casacas que se distinguiam pelo seu indiscutivel «aplomb». A nossa pagina offerece vários flagrantes dessa festa sumptuosa, que assignalou um acontecimento de grande esplendor mundano.

«Mariuza»

Claudio de Souza.

Joubert de Carvalho.

Olegario Marianno.

ESTA' alcançando grande successo, no theatro João Caetano, a opereta "Mariuza", de Claudio de Souza, Olegario Marianno e Joubert de Carvalho, autores, respectivamente, do libreto, dos versos e da musica. "Mariuza" é uma peça fina, bem feita, que tem agradado enormemente os frequentadores da temporada official do João Caetano — temporada que está a expirar, pois é amanhã o seu ultimo dia. Dahi o êxito surprehendente da peça, que esgottou a lotação do theatro, no dia da estréa, e continua enchendo-o todas as noites.

Aliás, era de esperar tal successo, quando se annunciou "Mariuza" prestigiada pelos nomes victoriosos de trez grandes autores brasileiros. Claudio de Souza, membro da Academia Brasileira de Letras, é o escriptor consagrado de tantas obras notáveis de literatura nacional, sendo ainda recente o seu successo com Um romance antigo. Olegario Marianno, tambem da Academia, é um dos nossos maiores poetas e tem, no Brasil inteiro, um circulo infinito de admiradores do seu glorioso estro. Joubert de Carvalho, que exalta a medicina e a arte, não é menor, no seu valor de musicista, do que os dois primeiros. Compositor de imaginação poderosa e de alta sensibilidade, Joubert de Carvalho é autor de innumeras producções que andam nos ouvidos e na alma deslumbrada dos apreciadores da bôa musica.

Tudo isso, evidentemente, deve ter concorrido para ampliar o successo legitimo de "Mariuza".

O integralismo no meio gymnasial. Fausto Barbosa, Lauro Menezes, Carlos Leão, Jesse Oliveira, Sylvio Ganen e Arnaldo Neves, alumnos do quinto anno do Gymnasio de Theophilo Ottoni (Minas).

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

Georgina de Albuquerque

GEORGINA DE ALBUQUERQUE, na maneira impressionista, é a primeira pintora do Brasil.

Suas concepções proprias do mundo colorido, a exteriorização sincera de sua esthesia, a propria synthese do seu claro-escuro, tudo isso lhe construiu uma personalidade á parte dentro da nossa arte pictural.

A exposição que ora se visita no Palace-Hotel, séde da victoriosa Associação dos Artistas Brasileiros, é um presente luminoso aos olhos da gente.

Seus nús cantam a victoria da luz, da côr, da fórma que ali se eterniza numa perennal primavera; seus recantos de praia ensolarada ou penumbras mysteriosas de bosques e jardins dão-nos, para dentro d'alma, a convicção de que a vida é mesmo bôa quando o espirito se purifica na religião encantadora da belleza.

O contraste da "mostra" de Georgina de Albuquerque com a série do artista, aliás talentoso, que ali a precedeu, é uma lição para todos os que se desviam da verdadeira senda de estudo e observação para ingressarem na insinceridade dessa pintura preta e suja, deformada por um primitivismo falso e deslocado, inútil e antipathico.

Não tentarei fazer aqui uma analyse paciente de todos os quadros da nossa illustre artista; entretanto, seja-me licito apontar a apreciação dos que visitam a sua encantadora collecção de telas além dos nús, as composições movimentadas de animaes ou agglomerados humanos como aquella multidão que se aproxima da matriz de Passa-Quatro. A limpeza de palheta da autora é notável.

HERNANI DE IRAJÁ

Georgina de Albuquerque e seu quadro «Na rêde», que figura na exposição do Palace Hotel.

O novo embaixador da Argentina junto ao governo brasileiro, dr. Ramon Cárcano, que chegou a esta capital precisamente no dia em que daqui partiu o seu illustre antecessor, dr. Mora y Araujo, foi recebido, terça-feira á tarde, no palacio do Cattete, pelo dr. Getulio Vargas, para entrega de credenciaes. A nossa gravura focaliza um instantaneo do embaixador Ramon Cárcano no momento em que s. ex., acompanhado do introductor diplomatico e dos secretarios da embaixada, deixava o palacio do Cattete, após a cerimonia.

O poeta Venturelli Sobrinho, 1.º tenente do Exercito e figura de relêvo no estado maior do illustre general Almerio Moura, offereceu uma hora de arte aos intellectuaes de Manáus, onde presentemente se encontra. Para essa festa, em que tomaram parte varias declamadoras e as senhoritas da alta sociedade amazonense, foi organizado um programma em que só figuraram versos de Venturelli Sobrinho, e foram declamados sob incessantes applausos. Na «Hora de Poesia», que foi o titulo dado ao festival, realizado no Theatro Amazonas, figuraram as senhoritas Clarisse Corrêa, poetisa Nysia Netto, Lili Azevedo, Ives Roberti, poetisa Violeta Branco, bailarina Yara Marilia Yedda Menezes e Venturelli Sobrinho, autor de «Meu palacio de estrellas».

PAULO WERNECK

"59"

AGAPITO DURÃO

NELSON DE SOUZA CARNEIRO, jornalista militante, de rara capacidade combativa, é, tambem, ao mesmo tempo, um escriptor distincto, cujo renome se vem affirmando cada vez mais numa trajectoria de brilhantes e consecutivos triumphos. Muito moço ainda, Souza Carneiro — cujo pae é uma das figuras mais expressivas da intellectualidade e cultura da Bahia de hoje — possúe, já, uma bagagem literaria que o impõe á estima dos doutos e á sympathia dos leitores. Seu ultimo livro — "XXII de agosto", é uma serie de artigos politicos, em que, qualquer que seja o partido tomado pelo leitor, é de assignalar a correcção da fórma, a graça do estylo e qualidades outras que fazem do victorioso homem de letras uma das melhores affirmações da sua terra e da sua geração. FON-FON offerece, hoje, aos seus leitores, uma suggestiva pagina de Nelson de Souza Carneiro, sob o pseudonymo de Agapito Durão.

NÃO é nenhuma Penitenciaria de S. Paulo a Penitenciaria da Bahia. Infelizmente. A' excepção do pavilhão "Madureira Pinho", do mais pouco se tem a destacar, de melhor.

A capélla modesta, de um altar se bem nos lembramos, já se esvaziára, naquelle derradeiro domingo de agosto, do anno passado, dos desgraçados grilhetas que tinham ido assistir á missa de costume.

O panorama que se desdobrou aos nossos olhos vive ainda, intacto na memoria, com aquelles lábios todos a murmurarem preces e preces aos céos, rogando-lhes, certamente, mais cêdo se abram para elles as portas dos miseraveis cubiculos que os separam da sociedade, da qual são mais victimas do que perigos.

Foi em nossa prisão que o conhecemos.

O director do estabelecimento trouxéra-o comsigo lá de baixo, para nos dar um aspecto curioso de seus tristes dirigidos. Era o "59". O numero muito preto parecia gritar a sua infamia na farda de zuarte. Parámos por um instante de dactylographar o depoimento que escreavimos, com o sol, coado pelas grades da janella, a bater em nossas costas.

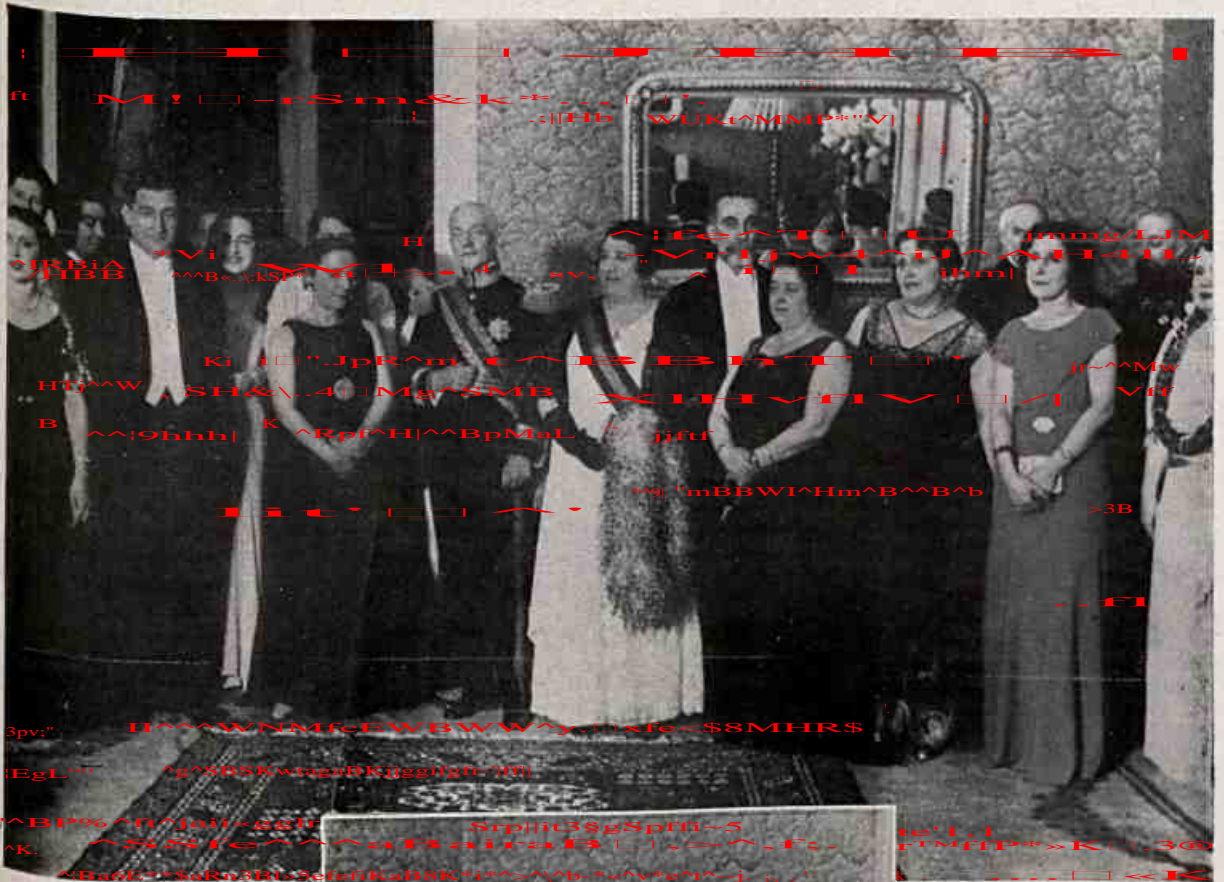
O *millionario* da Penitenciaria trazia os dedos de tal fórma cheios de aneis, todos de latão, mareando, que não conseguia dobrar aquelles, por mais que o quizesse. Fôsse lá alguem dizer-lhe que não eram de ouro bom dezoito quilates, aquelles miseraveis objectos! Marciolinio explodia numa revolta de a todos commover.

Do pescoço cahiam-lhe em corrente de barbante quantas tampas de cerveja visitantes caridosos lhe traziam de presente. Eram um gosto e uma tristeza immensa ouvil-o dizer da excellencia dessa e daquella joias. E os bolsos se lhe empinavam cheios de embrulhos cuidadosamente feitos e melhor encordoados.

Para que os retirasse das algibeiras, circumvagou antes um olhar perquiridor pelos que o cercavam. Temia que alguem o visse dono daquellas preciosidades, miseraveis pedras brancas e verdes apresentadas como custosos diamantes de Lençóes.

Cada um daquelles valores tinha a sua historia e o seu preço. Uma havia que o desgraçado não daria a quem fosse por menos de duas dezenas de contos de reis. Não lhe seduzia dinheiro. As cedulas não o impressionavam tanto. A sua mania era bem feminina, só vaidade. Queixou-se-nos que certa feita um ladrão (e nos prevenia que ali havia muitos, a rodo) lhe roubára, na cela, uma joia de raro custo, emquanto dormia. E o bigode mésclo dançava no seu rosto revoltado, e os olhos pareciam pular-lhe das orbitas escancaradas.

Daquelle dia em deante não houve como despojál-o de sua fortuna á hora de deitar. Carregava-a toda comsigo e de tal fórma a augmentara nos ultimos tempos, que fôra obrigado a mandar fazer um cinto largo.

(Conclúe na pag. seguinte)

O BRASIL EM PORTUGAL

Photographias tomadas na séde da embaixada do Brasil, em Lisbôa, por occasião do banquete que o embaixador José Bonifacio de Andrada e Silva ali offereceu ao presidente Oscar Carmona. No grupo vêem-se o presidente da Republica Portugueza e as seguintes pessôas que tomaram parte no banquete: á direita de s. ex., a senhora José Bonifacio de Andrada e Silva, a senhorita Andrada e Silva, o dr. Oliveira Salazar, presidente do Ministerio, e a senhora Mesquita Guimarães, esposa do ministro dos Estrangeiros, interino; á esquerda, a senhora Oscar Carmona, o embaixador José Bonifacio, a senhora Daniel de Souza, a senhora Siqueira Braga, o núncio apostolico, a senhora Luiz de Moura, o ministro da Belgica e madame Santh, esposa do ministro da America do Norte.

O dr. Oliveira Salazar, presidente do Ministerio, ao lado do embaixador José Bonifacio de Andrada e Silva, no salão de leitura da embaixada do Brasil.

O "59"

(Conclusão)

á moda de cartucheira, para guardar os novos adereços...

Não sabemos por que o "59" continúa na Penitenciaria, depois de quasi vinte annos de prisão celular. Mas o poviléu que enche aquelle presidio já se acostumou a sorrir e a querer o pobre condemnado, grilheta do carcere e da mania que o assaltou...

UMA CABANA E UM CORAÇÃO...

Os jornaes destes ultimos dias divulgaram uma noticia pittoresca. Pittoresca e romantica. Dentro das leis da natureza e, tambem, dos imperativos que condicionam a força do instincto e todas as solicitações do velho coração da humanidade. Mas, positivamente, fóra do espirito do tempo...

Quero referir-me á original attitude de um homem dado como "neurasthenico" tão sómente porque teve uma idéa feliz, embora aberrante de todo convencionalismo da sociedade moderna: fez levantar uma linda cabana de sapé em pleno coração da matta verde e acolhedora para ahi gozar, isolado do mundo, do bruhaha da civilização e da maldade de seus semelhantes, as delicias de uma lua de mel...

E, só por isso, choveram os commentarios. E o gesto simples, natural, deliciosamente pittoresco desse noivo bucolico foi levado á conta de attitude pathologica, por isso que se tratava de um... neurasthenico.

Fizessem assim todos os neurasthenicos, todos os "surmenés", todo esse "monde de blasés" que a civilização vae mettendo nos hospicios, e a humanidade, reajustando-se dentro da propria vida, não mais seria, em futuro proximo, esse pobre farrapo de gente de continuo sacudido violenta e trepidantemente pelos espasmos febricitantes do progresso.

Esse estranho enamorado que procura o recesso sombrio e fresco da matta para poder amar tranquillamente na sua cabaninha de sapé é, realmente, o homem mais normal, por mais natural, que se poderia desejar. E o que elle está a fazer é admiravel como pratica e licção de "savoir vivre". Porque, realmente, a humanidade já não sabe viver, nem sentir, nem amar, nem construir a sua felicidade, dentro da contingencia da propria vida e do relativismo de toda felicidade.

Uma cabana e um coração... "Une chaumière et un cœur...:" E eis tudo. Todo o senso da felicidade bem comprehendida.

Neste caso, porém, o que me desconcerta e faz vacilar e quasi pôr em duvida o juizo desse homem estranho não é ter elle arranjado a sua cabana de sapé, o seu pittoresco ninho de amôr: e ter encontrado um coração de mulher para encher de alegria e de festa a sua choupana...

Haverá ainda, no mundo, uma mulher que saiba amar dentro de uma cabana encravada na matta?...

«FON-FON» EM S. PAULO

Senhorita Mary Buarque, festejada e distincta declamadora, e figura de destaque na sociedade paulista, onde se impôz pela invulgar sensibilidade de sua arte e pela requintada elegancia de sua educação.

O HOMEM E O MACACO

O homem, ao que parece, está cada vez mais convencido da sua ascendencia simiesca.

Darwin vence, por fim, e já ninguem se poderá julgar offendido porque se lhe diga que descende, em linha recta, do chimpanzé, do orango-tango, etc.

Os simios — ou, melhor — os nossos velhos antepassados, até bem pouco, sempre habitaram as selvas, onde viviam muito bem, sem nenhum contacto com a civilização. Hoje, não. Os homens educam-nos carinhosamente e ha, por ahi a fóra, macacos "garçons", macacos actores, "astros" e "estrellas" cinematographicos, macacos de celebridade mundial, emfim.

O peor, porém, para os pobres simios é que do seu ingresso na civilização resultaram obrigações e deveres que elles, como qualquer outro membro da organização social, têem de cumprir.

E justamente por isso é que, ha poucos dias, segundo annunciaram os jornaes, uma macaca, acompanhada do seu advogado e do seu emprezario, compareceu á barra de um... tribunal de justiça!

E por que?

Simplesmente porque se recusou a fazer determinado papel, que lhe fôra reservado em um film ou coisa parecida.

A macaca não trabalhou, "emperrou", infringindo as clausulas contractuaes, e foi levada a juizo...

MAX LINDER

Trez empolgantes instantaneos do grande jogo de football que domingo ultimo movimentou o campo do America F. C., e no qual se empenharam o «team» do campeão do Centenario e o do Palestra Italia, de S. Paulo.

Dois aspectos da cerimonia realizada em Juiz de Fóra para a inhumação definitiva dos restos mortaes de Marianno Procopio Ferreira Lage, principal fundador da bella cidade mineira, e de sua exma. esposa, d. Maria Amalia Ferreira Lage, na praça do Museu Marianno Procopio. Entre as pessôas que apparecem no grupo, vêem-se o dr. Pedro Marques de Almeida, prefeito de Juiz de Fóra; o dr. Alfredo Ferreira Lage, director-fundador do Museu Marianno Procopio; os drs. André Martins de Andrade e Aprigio de Oliveira Júnior, juizes de direito; o dr. Aloysio Teixeira Leite Penido, juiz municipal; o coronel Renato da Veiga Abreu, representante do general Deschamps Cavalcanti, commandante da 4.ª Região Militar; o major José Pinto de Souza, commandante do 2.º batalhão da Força Publica; os drs. José Procopio Teixeira e Eduardo de Menezes Filho e o professor Machado Sobrinho.

FILIGRANAS

O mais original luto do mundo é o usado na Polynesia. Cobre-se o rosto com um tapume feito de pedacinhos de bambú que faz o papel do véu europeu. Sobre a cabeça, um pennacho em leque, cujo tamanho corresponde á importancia e valor do defunto. Si o morto é um chefe, os seus subditos reunem-se, rasgam suas vestimentas e seus ornatos e se põem a dançar com tanto frenesi, que cáem no chão como ebrios. Essas cerimonias funebres praticam-se durante varios dias e sua duração marca o gráu de veneração em que se tinha o fallecido.

Festejando o segundo centenario da «Canção Brasileira», o emprezario M. Pinto reuniu em cordeal almoço, que se realizou nos jardins do theatro Recreio, os criticos theatraes dos jornaes cariocas e os artistas de sua companhia, os quaes apparecem no grupo do «clichê», tomado por occasião da expressiva festa.

Um dia, o peito em fogo, a minha face em lagrimas,
Tentei subir aos céus minha memoria,
Lidando em pról do Amôr e da Verdade.
E, um dia, meditei ouvindo aquella voz:
— Não persigas a Gloria, porque a Gloria
Só nos dá conta da Felicidade
Muito tarde, depois que ella passou por nós.

SARA

Minha felicidade é feita de renuncias.
Nobre o meu sacrificio, inútil teu favor.
Hei de calar, chorando, o meu immenso amôr,
Por mais que eu saiba que palpitas no meu ser.
Pelejador, o gladio dextro no ar,
Serei teu menestrel só para te louvar,
Intimorato heróe para te defender.

Das tuas mãos aristocraticas e pródigas
Eu recebi a maior benção de belleza.
Ao seu doce calor renasceram meus sonhos.
E eu aprendi no teu falar, nos olhos teus
As mais profundas vibrações da natureza,
Os rythmos delirantes e risonhos
De Pindaro e Simonides de Céus.

VIOLANTE

Cheio do teu candor, da tua graça mystica,
Minhas dôres e lagrimas bemdigo.
O homem, quem quer que seja, é meu amigo.
Vislumbro luz e amôr nas tenebras do mal.
Sonhando assim, eu sou, talvez, no mundo inteiro,
O ultimo sonhador, teu servo, cavalleiro
Do Rei Arthur, Sagramor, Parsifal.

HELOISA

Olha bem para mim, olha os meus olhos humidos.
Olha, e nelles verás as paizagens mais bellas:
— Montanhas, rios, céus, céus doirados de estrellas,
E almas nelles verás tambem a scintillar.
Toda a luz, todo o som que em meus olhos se encerra
E' aquelle sonho que desceu do céu á terra,
A vela que se foi, para sempre, no mar.

Tenho soffrido mais que Prometheu e Tantalo.
Bem que sabe este azul tropical que me cobre,
Bem que sabe este sol que me alumia e alenta,
E estas montanhas, que não canso de mirar,
Que homem nenhum já padeceu tanta tormenta,
Nem sentiu como eu sinto o estro tão pobre
Para exaltar tua mentira singular.

TU

Nestes dias de dôr, nestas horas de tédio,
Tanta vez a tremer do mundo incerto,
Eu penso em ti... Eu amo a vida: — tu existes.
E, quando agitas a varinha do condão,
Descem de ti — por que me vês neste deserto —
Cataratas de luz para os meus olhos tristes,
Um sorriso e uma flôr para a minha illusão.

Desde que entraste em minha vida solitaria
Com a força espiritual do teu amôr,
A caligem das horas tormentosas
Transmudou-se em luar, converteu-se em clarão.
Tua palavra austera e commovida
Foi um milagre de alegria e de esplendor:
— No meu deserto rebentaram rosas,
A caverna sem luz fez-se amplidão.

Renasço, cada dia, ao sol do teu amôr,
A' chamma espiritual do teu amôr,
A minha vida é uma resurreição...

«Diana Caçadora», painel decorativo (bordado a lã), de Regina Graz.

«Religião brasileira», quadro modernista de Tarsila Amaral.

«Os meus peixes do Amazonas», quadro de John Graz.

SPAM — SOCIEDADE PRO' ARTE MODERNA — S. PAULO

DE RACHEL PRADO

EM São Paulo, nas artes plasticas nota-se uma pronunciada realização modernista, assim como as idéas evolucionistas ou revolucionarias preoccupam os cerebros mais equilibrados.

Evolução, no dominio das idéas, é o progresso, e o desejo de melhorar o ambiente do mundo e todos os sectores da acção humana.

Arte é emoção e belleza. Raramente, na arte chamada futurista, encontram-se esses dois esplendores.

Hoje, nos quadros modernos, observa-se: o artista vive num plano differente do nosso ou, então, no geometrizar das suas fórmas, na concepção da idéa, elle exterioriza o que em eterno anseio está no seu subconsciente de uma maneira complexa. Para mim, futurismo não existe, porque o futuro traz o imprevisto e nós não poderemos avançar em torno do amanhã, para o qual uma serie de transformações e phenomenos psycho-sociaes irão influir. Modernismo, sim!

Poderemos, dentro do nosso idealismo ou mesmo do materialismo, modernizar as nossas concepções, que no fundo trazem sempre alguma coisa do passado...

Actualmente, temos a velleidade de dizer que é modernismo, mas, analyzando bem, sentimos ser o renascimento de coisas primitivas que têm esse sabor pittoresco.

Em São Paulo, a "Spam" é patrocinada por D. Olivia Guedes Penteado, esse brilhante espirito, Mecenas dos artistas modernos, que estimula e reúne no seu elegante palacete, um precioso Museu de Arte. Actualmente sob a sua orientação, tendo sua séde social á Praça da Republica, 44, a "Sociedade Paulista de Artistas Modernos" realiza uma interessante exposição, onde se salientam lindos quadros dos artistas: Jeuny Klabin Segall, Antonio Gomide, Esther Bessel, Hugo Adam, Segall, Lôger, Shotte, Anita Mafalti, John Graz, Mussia, Pinto Alves, Tarsila Amaral, Regina Graz, Arnaldo Barboza, Antonio Gobbis e outros.

O professor Oscar Przewodowski inaugurou, no salão nobre do Real Gabinete Portuguez de Leitura, a série de conferencias promovidas pelo Centro de Intercambio Musical Luso-Brasileiro, fazendo uma palestra sobre «A musica no intercambio das Nações». O nosso «cliché» fixa um aspecto da mesa que presidiu á reunião e um instantaneo do conferencista.

Trepações

A tristeza é contagiosa. Mas ha pessôas immunes ao seu contagio. Exemplo: aquella loirinha, que viaja no omnibus de Laranjeiras. Sempre alegre, o diabinho. Mesmo quando viaja com a titia solteirona, que é a creatura mais hostil, que Deus poz no mundo. Hostil, sim. Está a brigar com a gente, só em olhar. Pois, nem ao seu lado, a trefega loirinha deixa de sorrir. E de sorrir com uma endiabrada alegria, que dá vontade á gente de voar, de fazer mil coisas impossiveis...

Outro dia, a loirinha viajava só. E sózinha veiu até o Club Naval. Pois, não deixou de sorrir. Sorriu para a direita e para a esquerda. A' sua frente, uma senhora sympathica olhava-a de esgueira. Mas, muito séria. Quasi toda gente triste, que é o natural dos brasileiros. A loirinha, entretanto, parecia viver no paraiso. Nem acompanhando um enterro ella conseguirá ficar triste. Pelo contrario, ajudará os demais a alivar-se das suas penas.

Que feliz, não será a loirinha!

NO começo daquelle *tête-á-tête*, os amigos dirigiam-lhes brincadeiras innocentes. Ella sorria. Elle tambem. E não se incommodavam. Com o andar do tempo, entretanto, foi nascendo, entre os dois, uma sympathia mais forte. E o prolongado *tête-a-tête* passou a illuminar-se de sentimentos idyllicos.

Já agora um e outro não toleram mais as brincadeiras. Elle fica sério; ella avermelha-se, vexadinha. E mostram-se aborrecidos. Mas, o *tête-a-tête* continúa.

Por que não ficam logo noivos?

ON REVIENT TOUJOURS... A calma outomniça da vida, que o pacato industrial levava ultimamente, na sua confortavel solidão de celibatario, soffreu um arrepio. Assim como o soprar de um vento mais forte no socego da paizagem rural. A alma do solteirão agitou-se. As raizes de sua emotividade estremeceram. E como, no quadro bucolico, ficam a tremer as frondes, que o vento soprou, no coração do conhecido industrial ficaram as recordações de um tempo, que já vae longe, dançando uma ciranda sentimental. E tudo isso por que? Porque na ultima recepção de Mme. X., no aristocratico bairro de Santa Thereza, o impeccavel celibatario teve uma surpreza immensa: encontrou, ou antes, reencontrou lá uma antiga affeição, uma de suas melhores lembranças da mocidade. A elle proprio causou espanto o effeito produzido pela presença da velha amizade, ou melhor, do delicioso namoro, que encheu a sua vida naquelle Rio de 1915, em pleno enthusiasmo francophilo da conflagração européa. E elle começou a lembrar: um *garden-party* no palacio do Catete; um festival de caridade do Theatro Lyrico; um passeio maritimo, com banda de musica e danças a bordo... A verdade é que já agora a vida do pacato industrial não é a mesma. A esta hora, elle deve estar pensando *qu'on revient toujours á ses premiers amours.*

A galante menina Liana e seu irmãozinho Felix, filhos do capitão Martins Almeida, interventor federal no Estado do Maranhão.

QUANDO a encantadora senhora olhou em torno da sua mesa florida, naquella elegante casa de chá da rua Gonçalves Dias, teve uma surpreza muito grande: seu *flirt* tomava um *drink* na excellente companhia de uma das artistas mais interessantes do theatro nacional.

Madame soffreu o effeito de uma ducha em plena ardencia do seu amor. Mas, muito senhora de si mesma, disfarçou o desgosto, reprimiu a angustia, que lhe ia por dentro, e continuou a beber o seu chá, alheia ao mundo.

Na outra mesa, entretanto, já o mesmo não se déra. Ao vêl-a, o cavalheiro inquietou-se. Não encontrou mais acommodação na cadeira. E atrapalhou a conversa, como um collegial em dia de exame.

Era de causar riso o seu nervosismo. Felizmente, a graciosa artista, que lhe fazia a honra do *five o'clok tea*, não quiz tomar conhecimento dessa atrapalhação. Não fôra ella artista... E bebeu tambem o seu *drink* entre um sorriso malicioso, dirigido a *madame*, e um minusculo *sandwich* de *paté de foie gras*...

O mais interessante é que, naquelle apparente colloquio do chá das 5, o *flirt* de madame entrou como Pilatos, no credo.

Elle nada tem com a artista, que é a paixão fulgurante de um conhecido *sportman*, seu amigo intimo. Como explicar, porem, a *madame* a sua presença alli, sozinho? Para cumulo da sua falta de sorte, só muito tarde o amigo chegou, cheio de desculpas, quando a tragedia já estava armada. E quando a encantadora senhora já rumava a Botafogo, com uma escaldante desillusão, que deve ter sido muito difficil de desmentir, no dia seguinte, entre juras humildes e sentimentaes.

Por que será que o destino das artistas é representar tambem fóra do palco?...

O POEMA QUE EU FIZ PARA VOCÊ...

(A Edvard Carmilo)

...Não tem nada das rimas cantantes dos versos, nada de métrica, nada de fôrma... E' puro como a agua de uma fonte crystalina, alegre como a cotovia dos prados... E você quer saber? Foi lendo seus poemas que eu me inspirei. Foi vendo a transparencia luminosa e radiante das joias maravilhosas que são cada um dos seus escriptos, meu amigo; foi contemplando a belleza impressionante que está em cada linha do que você escreve, que eu fiz o meu primeiro poema...

Não tem a nostalgia de um "Abandono"; tampouco a profunda expressão do "Batalhão"...; nem a doçura estranha de "Memoria"... E' mais. E' o poema da alma de você... dessa alma tão grande e, no emtanto, tão criança... dessa alma que fala em renuncias, mas que não renunciou ainda... dessa alma que é um "Jardim fechado" no qual eu, indiscretamente, adivinhei um paraiso! A alma de você!... Alma que não tem uma só dobra que não pertença á arte, — a mais bella manifestação divina... Alma que a gente sente palpitar e expandir-se, embora uma "Humildade" a queira esconder... Alma em que os annos não fizeram marca, porque nella não ha "Fim de primavera". Ella canta sempre, na certeza de um céu a que você ha de ir.... Alma, afinal, que na vida separou tão bem o trigo do joio, transformando, num milagre, o "Joio" num precioso maná espiritual.

Sim! Foi debruçando-me sobre a alma genial do meu amigo, que eu fiz o meu primeiro poema... o melhor de todos que ainda possa fazer, porque... porque esse poema eu só o revelei á minha pobre alma sedenta de ideal, só o escrevi no pedaço mais bonito de meu coração, só o guardei avaramente para mim... Não soube escrevêl-o. Si o fizesse, tenho plena certeza de que não gostaria tanto delle, e acabaria fazendo o que elle fez á sua estatua imperfeita...

Por isso, meu amigo, nem mesmo você ha de conhecer o meu poema..."

S. Paulo.

Alice Luz

S. ex. o embaixador do Chile, dr. Marcial Martinez, entre directores da Associação Brasileira de Imprensa, por occasião da visita que o illustre diplomata fez, em dias da penultima semana, á casa dos jornalistas. A' direita do embaixador chileno, vê-se o nosso confrade dr. Paulo Vidal, do corpo consular brasileiro, e que tambem visitou, então, a séde da A. B. I.

Pessôas que tomaram parte no banquete promovido no Palace Hotel, pela Loja Escoceza Saloia

A Associação Brasileira de Imprensa recebeu, tambem, ha dias, a visita do eminente diplomata e homem de letras sr. Ventura Garcia Calderon, ministro do Perú, que no «cliché» apparece em companhia dos directores da A. B. I. presentes na séde quando s. ex. alli esteve.

FON-FON no cinema

Producção: UFA — COCAINA — (Der weisse Damon)

com Hans Albers — Gerda Maurus — Trude von Melo e Peter Lorre

UM transatlantico de luxo cruza o oceano. E' um immenso hotel fluctuante, frequentado por um publico internacional, que prosegue seu destino através dos mares. Emquanto se dança e se conversa animadamente naquelle pequeno mundo afastado de muitas milhas da terra firme, as preoccupações naturaes da vida são postas á margem. De repente, um grito angustioso corta os ares. Um menino, filho de um importante industrial, Louis Gordon, ao trepar, numa de suas travessuras, na balaustrada do convéz, cáe ao mar. De todos os lados partem vozes de commando. O corpo do gigante oceânico estremece. Interrompe sua róta e começa lentamente a manobrar para traz. Um escaler é descido rapidamente á superficie encrespada do mar. Mas a pobre creança resistirá á tona até que o barco o attinja? Nesse instante, um joven vigoroso abre caminho entre os passageiros e atira-se, num salto elegantíssimo, ao mar, deante dos olhos pasmos de todos os presentes. Em braçadas rapidas e seguras, que deixam após si um rastro brilhante de espuma, chega a tempo de evitar que o menino se afundasse para sempre nas aguas profundas. Os passageiros nem se atrevem a respirar, acompanhando, cheios de emoção, todas as phases do acontecimento que se está desenrolando na téla movediça do mar. O imprudente é salvo, e Henri Werner, o intrepido nadador, é recebido por entre acclamações enthusiasticas da multidão daquelle drama. O pae do pequeno Pedro não sabe como agradecer ao salvador de seu filho. Toda recompensa lhe parece irrisória deante da grandeza daquelle gesto. Mas o rapaz não liga muita importancia ao feito que vem de praticar. Aquillo não passava de uma insignificante aventura sportiva em face das muitas que estava habituado a executar. A sua maior preoccupação é chegar, quanto antes, a Cuxhaven, onde espera encontrar sua mãe e sua irmã, das quaes se afastára, havia cinco annos, quando fôra tentar a sorte nas terras opulentas do Brasil. Os passageiros se preparam para o desembarque. Entre os passageiros de primeira classe ha um individuo meio esquisito, um corcunda, absorvido no momento por certos preparativos mysteriosos. Atira duas caixas de ferro branco por uma escotilha de sua cabine. As caixas mergulham na agua, mas uma pequena bandeira indica o logar em que ellas ficaram suspensas e um pescador, que á primeira vista parece um pobre diabo inoffensivo, trata de recolhêl-as immediatamente ao seu bote e safar-se do local, o mais depressa possivel. Não ha duvida que parece tratar-se de um contrabando de estupefacientes. Ha muito tempo já que a policia procura descobrir a séde de um bando internacional que parece obedecer a um único commando e possuir para seu nefasto commercio, um grande stock de cocaina. Ninguém conhece o chefe, nem mesmo os componentes do bando. Elle é prudente bastante para não apparecer nunca em primeiro plano, servindo-se de um sem numero de intermediários para o fornecimento da droga terrivel a milhares de infelizes viciados. A policia possúe alguns indicios. O corcunda, por exemplo, em virtude de suas freqüentes viagens, ha muito que se lhe tornára suspeito. Resolvem detêl-o dessa vez, mas não encontram prova alguma que justifique tal prisão, segundo os seus papeis de identidade, elle não passa de

(Continúa nas paginas 47 e 48)

Da PITTALUGA (Italia)

com Armando Falconi, Maria Jacobini e Mary Kid — Direcção de G. Righelli

O conde Armando de Lagosta, apesar de estar sem dinheiro, é um homem divertido. Bohemio até a raiz do cabello, não teme os credores, pois o seu criado se encarrega de convencer aos "cadaveres" que o patrão não está em casa e que fôra ao interior vender uma fazenda... Numa tarde em que os credores faziam ponto de reunião em casa do conde, lá dentro ia uma festa daquellas que deixam saudades... Mulheres lindas enfeitavam com sorrisos e danças a casa do bohemio. Mas veiu a necessidade de dinheiro. Elle se lembrou de uma tia ricaça que poderia salvál-o. A tia, porém, tinha um plano: casal-o com a senhora Martha de Faia. O conde propõe um encontro com Martha, no hotel. Mas é seguido pela sua querida garota, uma loirinha tentadora. No *hall* do hotel, elle ouve a canção *Patatrac*. E' este o nome de um cavallo, o favorito do dia. O conde recebêra de um amigo 20 mil lyras para jogar no cavallo. Gasta metade do dinheiro e não joga o resto. O cavallo ganha. Elle tem de dar contas ao amigo, outro bohemio que se perde por mulheres. Acceita, então, definitivamente, o desejo da tia. Diz que é preciso escolher um annel de noivado. Compra o annel, mas a senhora Martha, sua noiva, comprehende-o a tempo. Desfaz o compromisso. Com o annel, elle salva a situação, pondo-o no "prego" e pagando ao amigo as 20 mil lyras e salvando alguma coisa para a situação...

AS SAUDAÇÕES DOS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS

"COMO vae, amigo?"

Esta curta phrase é, provavelmente, mais usada entre os artistas e empregados dos studios cinematographicos de Hollywood que qualquer outra fôrma de saudação. Ser assim tratado por um famoso luminar da téla é o maior prazer dos que estão relacionados com a industria cinematographica.

Marion Davies, por exemplo, costuma agitar sua linda para qualquer conhecido quando passa pelo recinto dos studios da Metro-Goldwyn-Mayer, e, quando entra no scenario, geralmente diz: "Allô, rapazes!"

Norma Shearer denota, com o seu affavel sorriso, que reconheceu algum amigo.

William Haines lembra-se de quasi todos os primeiros nomes dos empregados dos studios, a quem cumprimenta sempre chamando pelos seus primeiros nomes e fazendo alguma palhaçada a respeito de incidentes occorridos quando trabalharam juntos.

Clark Gable sempre saúda assim: "Que tal vae o meu trabalho?". E geralmente, para consternação dos empregados preparados para cumprimental-o como astro, Clark está sempre ao par dos assumptos domésticos dos technicos do scenario e sempre sabe quando compram uma casa ou trocam seus automoveis por novos modelos.

A voz vibrante de Joan Crawford é cheia de amabilidades quando saúda alguma pessôa, e em geral pára afim de dar um dedo de prosa com o jardineiro dos studios, que todos os dias lhe offerece flôres.

A saudação de Robert Montgomery é sempre esta: "Allô, meu bem!" Trate-se de homem, de mulher ou de criança.

Lionel Barrymore tem sido sempre comparado a um "Urso Velho" pelo seu aspecto duro, mas, na realidade, é um dos "astros" mais sympathicos. Seu apparente resmungar, quando encontra algum amigo, é simplesmente um modo peculiar de cumprimentar.

Wallace Beery faz muito espalhafato quando se encontra com algum antigo conhecido.

Marie Dressler saúda com uma sincera alegria e um forte aperto de mão qualquer pessôa que tenha

(Conclúe na pag. 46)

UMA NOITE NO PARAISO

PRODUCÇÃO DE "VENDOR FILM" — *com*

ANNY ONDRA, NADINE ICCARD, ROBERT PIZANI

A superstição do sr. Fluet foi a causa de tudo aquillo. A modista enviára á sua senhora o vestido encommendado para aquella noite de gala em sua casa, e mandára uma costureirinha para os ultimos retoques. Foi assim que Monique Béchue entrou alli. O casal Fluet dava um jantar ao sr. Allan Harris, joven millionario americano, que, na verdade, procuravam os dois esposos explorar. Mas uma das convidadas, Mlle. Breners, não comparecería, e com isso iam ficar treze á mesa! Cesar Fluet era superstícioso, o que fez com que Mme. Fluet convidasse Monique a tomar parte no jantar, para o que a vestiu com uma das suas toilettes. E Monique ficou encantadora. Quiz o acaso que Mlle. Breners, que devia tomar parte no banquete, tivesse de se sentar ao lado do joven americano, e como Monique, para todos os effeitos, teve de adoptar aquelle nome abandonando o muito commum de Béchue, foi com esse nome que Allan a conheceu e... amou! Sim, que o americano ficou pelo beicinho. Monique viu que tinha de "sustentar a nota" e não desfez a impressão errônea do rapaz. O casal Fluet prevalecèu-se daquillo para impingir ao millionario um quadro que era uma "bota", mas do qual a menina tinha gostado... por força de circumstancias.

Seguiram-se encontros dos dois, mantendo Monique o seu papel. Aconteceu mesmo que Allan a viu entrar no atelier de modas onde ella trabalhava, e a seguiu. Monique bem depressa se envolve em uma capa custosa, para disfarçar as suas pobres vestes. A dona do estabelecimento aproveita a situação para fingir que se trata de um modelo, de modo a mostrar ao visitante as suas creações. Mas antes reprehendêra a pequena, visto como a sra. Fluet, pelo telephone, acabava de se queixar. E Monique vinga-se, achando tudo ruim e mal feito, á vista do freguez... E foi despedida. Mas o casal Fluet prepara uma segunda recepção para o joven americano, e como este fizesse questão da presença de Mlle. Breners, o sr. Fluet a procura e a convida. Mas quiz o mau fado que nesse dia o "Perfeito Mobiliario" mandasse tomar os moveis do casal, que não os pagára e dahi se verem elles obrigados a adiar a festa quando já lá se encontravam os convidados. Vão, então, a convite de Allan, ás "boites" de Paris. Nunca Monique se sentira tão feliz, pois que passava uma noite ao lado do homem que ella amava. Apenas um nuvem... E' que elle, no dia seguinte, devia voltar para a America. E foi por isso que, quando se fecharam os cabarets, resolveu ella esta coisa extraordinaria: convidou todos a continuarem a festa em sua casa! E' que — torna-se precisa aqui uma explicação — Mo-

(Conclue na pag. 46)

Magda Schneider.

AS SAUDAÇÕES DOS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS

(*Conclusão*)

trabalhado com ella no theatro ou no cinema.

A caracteristica de Buster Keaton é o movimento peculiar que faz antes de apertar a mão de algum amigo.

Com as suaves e melodiosas inflexões de sua cultivada voz, Ramon Novarro saúda seus amigos. Quando encontra alguem nos studios que sabe falar hespanhol, a conversação se desenvolve neste idioma.

Helen Hayes, quando cumprimenta alguma pessôa, agita sua delicada mãozinha e sorri jovialmente.

Karen Morley usa sua habilidade de fazer amizades com todas as pessôas dos studios e nunca está demasiado apressada para se deter afim de dizer algumas palavras quando vae a caminho do scenario.

Uma das saudações favoritas de Polly Moran é: "Viva, meu amigo! Por onde anda você se escondendo?" Polly grita com toda a força de seus pulmões.

Lewis Stone, cumprimentando alguma pessôa, junta os calcanhares, inconscientemente, inclinando-se como os militares, resultado de seus muitos annos no exercito.

Jackie Cooper annuncia sua chegada aos studios, cumprimentando em voz alta os luminares e technicos com quem tem trabalhado. Quando aperta a mão de alguem, sempre dá algumas palmadinhas nas costas.

Jimmy "Narigudo" Durante é o "cumulo da effusão". Quando saúda, quasi arranca o braço da pessôa com quem se encontra, emquanto que na outra faz evoluções com um enorme charuto.

"TOPAZE"

Em virtude de se ter exhibido esta semana *Adeus ás armas*, da Paramount, o Broadway só dará *Topaze* no dia 31.

ESTRELLAS DA UFA

Liane Haid.

UMA NOITE NO PARAÍSO

(*Conclusão*)

nique morava com o casal Béchue, que a adoptára, e o velho Béchue era o vigia e guarda do "Perfeito Mobiliario", casa que mantinha um verdadeiro palacio todo mobiliado, para effeito de propaganda de seus moveis. E foi para lá que Monique levou os seus convidados. O papá Béchue, acordado com o barulho que faziam com a festa, quer reprehendêl-a, mas Monique convenceu-o de que precisava viver toda aquella noite, a sua melhor noite, uma "Noite no Paraiso"! Mas raiou o dia e a loja abriu-se ao publico, com o que Monique ficou desmascarada perante o rapaz!

Mas Allan ama a pequena. No dia seguinte, querendo saber tambem si ella o amava, ou ao seu dinheiro, procurou-a para confessar que lhe mentira tambem e que não passava de *chauffeur* do verdadeiro Harris. E ella o beijou cheia de transporte, pois que agora se poderia casar com elle — o que o fez exultar desta vez, voltando a ser o que era, para felicidade de ambos.

Anna Sten.

COCAINA

(CONTINUAÇÃO)

Um modesto negociante de discos graphonicos gravados em cartões postaes — novidade que permitte a qualquer registrar — o que bem entende e enviar aos amigos, ao envés da palavra escripta, a sua propria voz. Esse negociante, nas suas horas de folga, não tem outra paixão que a de collecionar borboletas. Uma vez em terra, Henri Werner póde abraçar, afinal, sua velha mãe. Mas por que motivo Liliane, sua irmã, ella tambem não veiu ao cáes para abraçar o irmão que estivéra tanto tempo ausente? Sua mãe a desculpa. Ella é agora uma cantora de nome. Um ensaio no theatro impedira que ella viesse ao desembarque. Chegando á casa, Henri revê sua irmã, mas o impressiona, immensamente, o seu aspecto doentio. Que lhe teria acontecido? Seus olhos brilham como sob o effeito de uma febre intensa. Incapaz de se manter em pé, mal acaba de chegar atira-se a gemer sobre um sofá. Dora Lind, sua amiga, que alli se encontrava tambem, procura tranquillizar o irmão afflicto. Liliane trabalhava muito. Aquillo não passava de uma simples crise de nervos. Seria preferivel deixál-a repousar um pouco. Mas como poderá ella seguir com a "troupe" para Paris, naquelle estado, si a partida estava marcada para o dia seguinte? Verificando que sua mãe perdera de toda a autoridade sobre a filha, Henri resolve intervir naquelle caso, que lhe não parecia bem contado. Logo se lhe afigura haver na vida intima de Liliane qualquer cousa que todos procuram occultar aos seus naturaes zelos de irmão. A' noite, no theatro, Henri, indo ao camarim da irmã, que parecia já restabelecida da crise que a accommettêra pela manhã, tem opportunidade de travar conhecimento com o emprezario Ourousseff, joven elegante, mas muito antipathico e que parece tomado de amores por Dora Lind que tambem fazia parte do elenco sob a sua direcção. E por amor a esta elle recusa a Liliane a droga que lhe era indispensavel para trabalhar bem no palco, tão acclimatado se encontrava o organismo da joven ao veneno traiçoeiro. Ourousseff, elle tambem, victima dos estupefacientes, sabendo o valor que uma dóse de morphina representava para sua primeira dama e querendo que a substituisse no papel principal a sua amada Dora, tudo faz para que a outra não a tenha no tempo devido, isto é, antes de entrar em scena. E o resultado é o desmaio de Liliane em pleno palco no momento culminante da representação. Um medico é chamado e por elle, afinal, Henri póde saber qual a verdadeira enfermidade da irmã. Revoltado, jura a si mesmo vingar-se de quantos reduziram sua pobre Liliane áquelle misero estado. Elle não duvida que ha por detraz de tudo isso um homem qualquer cuja diabolica missão é justamente a de semear o vicio por entre a juventude desprevenida. Procura obter da irmã a confissão, mas nada consegue. Ella parece temer revelar o nome do contrabandista invisivel. Provavelmente, fôra o proprio chefe do bando quem seduzira a pobre actriz. Emquanto isso, Ourousseff, percebendo o perigo que o cerca trata de afastar o destemido joven da companhia de sua irmã, e de Dora Lind. Pois tampouco lhe passára despercebida a inclinação que esta ultima começava a sentir por aquelle desempenado Henri. Liliane deverá acom-

(Continua na pag. seguinte)

A garota (que é uma grande enthusiasta do radio), concluindo suas orações, ao deitar-se). — "E está terminado o nosso programma desta noite. Até amanhã e amém".

COCAINA (conclusão)

panhal-os a Paris sem que o irmão de tal se aperceba. Por um plano bem combinado, Henri é convidado a encontrar-se com a irmã na rua do Canal, n. 17, e ao tempo que Liliane se encontra num trem em marcha para a capital de França, seu irmão vê-se envolvido, num botequim de infima classe, por um bando de individuos, contra o qual luta desesperadamente para tombar, afinal, desacordado, ao receber na nuca um golpe traiçoeiro. Mas ainda tivéra tempo de reconhecer entre elles o corcunda, que já uma vez lhe despertára a curiosidade na celebre viagem em que salvára de morrer afogado o filho de um grande industrial. Quando, horas depois, Henri consegue escapar da prisão a que o atirára o bando malfeitor, cuida immediatamente de se transportar, após prévio entendimento com a policia sobre a firme decisão de dar caça aos contrabandistas de tóxicos, a Paris, onde presume encontrar-se, sequestrada, sua infeliz irmã. Por outro lado, não sabe Henri em quem confiar. Dora Lind estaria ao seu lado ou lado do bando adversário? E quando elle julgava, após esforço inaudito para se abastecer de provas, poder, afinal, entregar ás autoridades os perigosos contrabandistas, eis que, elle mesmo, se vê envolvido numa cilada. Liliane, num dos seus accessos, sob o effeito da morphina, falsificára a assignatura de uma letra. O marquez d'Esquillon, typo elegante, que tambem fazia parte do bando, ameaça Henri de levar á prisão a irmã deste, caso elle persistisse em se envolver nos negocios dos contrabandos de toxicos. Em taes circumstancias, o industrial Gordon, o mesmo de quem Henri havia salvo o filho, encontra-se com o rapaz em Paris. Henri poude, afinal, encontrar a irmã numa casa isolada nos arredores de Paris, onde chega a tempo apenas de vêl-a morrer em meio á mais penosa agonia. Desesperado, Henri continúa a perseguir o bando criminoso. Encontra-se agora em Lisbôa, para onde se transportáram os contrabandistas. Ouroussoff, vendo-se enleado cada vez mais pelos seus sequazes, resolve denunciar o chefe da quadrilha e fugir depois para o Brasil, mas é assassinado antes de executar tal plano. E quando Henri consegue, afinal, saber quem é o mysterioso animador da sinistra empreza, já este se encontra a bordo de um possante hydro-avião, prestes a levantar vôo. Henri, numa lancha velocissima, vae ao ponto em que o apparelho devia ganhar altura e, antes que este abandone a superficie das aguas, consegue, audaciosamente, passar para o interior. Ali se defronta face a face com o seu terrivel inimigo. Uma surpreza lhe immobiliza os traços. Este é o proprio Gordon, o mesmo que se propuzéra a auxilial-o a encontrar a irmã, o pae do menino Pedro, salvo por Henri! Surprehendido assim, Gordon, para escapar á justiça dos homens, burla a vigilancia do seu perseguidor e, fingindo um descuido, abre uma portinhola do avião e deixa-se cahir no vacuo. Emquanto isso, o bando cahia nas garras da policia, em Lisbôa, e Dora, no cáes, aguardava, ansiosa, a volta do avião com o seu amado Henri.

INVENTOS MODERNOS — Golf super-miniatura para logares reduzidos...

Guia Scientifico

Dr. PEDRO DA CUNHA — Clinica geral. Rosario, 129 - 3.º Diariamente, depois de 4 horas.

Dr. CARVALHO CARDOSO — Molestias internas. Tuberculose. Praça Floriano, 55. Tel. 2 - 8305. Residencia: Soares Cabral, 38. Tel. 5 - 0032.

Dr. RENATO DE SOUZA LOPES — Da Faculdade de Medicina. Doenças do apparelho digestivo e nervosas. Raios X. Rua São José, 39 - De 3 ás 6.

Dr. J. V. COLARES — Docente da Universidade do Rio de Janeiro. Doenças internas e nervosas. Rua Alcindo Guanabara, 15 - 3.º

Drs. M. C. DE GÓES MONTEIRO e RENATO DE SALLES PUPO — Com pratica nos hospitaes Valle-Grace, Cochin e Saint Joseph, de Paris. Vias urinarias - molestias venereas - Doenças das senhoras - operações - electro-coagulação das hemorrhoidas. Av. Rio Branco, 183-5.º and.

Dr. MARIO C. D'ALMEIDA FILHO — Da Faculdade de Medicina (Serviço do Prof. Brandão Filho). Cirurgia Geral. Vias Urinarias. Anestesias pelo Protoxido de Azoto. Tratamento das nevralgias (facial, sciatica, etc.). Rua Rodrigo Silva, 30 - 4.º Tel. 2 - 8198.

Dr. MARIO KROEFF — Livre docente de Clinica Cirurgica da Faculdade. Pratica nos Hospitaes da Europa. Operações em geral. Vias Urinarias. R. Uruguayana, 104. De 3 ás 7, diariamente. Tel. 3 - 4316.

Dr. ABREU FIALHO FILHO — Livre docente da Faculdade de Medicina. Doenças e operações dos olhos. Ouvidor, 7 - 3.º Clinica particular para internação de operados, á rua das Laranjeiras, 72.

Dr. JULIO C. FERREIRA — Dentista pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rua da Quitanda, 3 - 2.º andar. Telephone 2 - 8163.

Dr. OSCAR CLARK — Exames medicos completos, exames periodicos de saúde, diagnosticos e tratamento. Rua Republica do Perú, 36. Das 9 ás 12 e das 16 em deante.

Dr. P. PERNAMBUCO FILHO — Docente e Ass. da Fac. de Medicina. Direct. Sanatorio Botafogo. Doenças nervosas e mentaes. Edificio Odeon, sala 515. Telephone 2 - 1183.

Dr. NEVES MANTA — Doenças Nervosas e Mentaes. Rodrigo Silva, 30 - 1.º andar.

Dr. MARIO PONTES DE MIRANDA — Ex-interno do Serviço de DOENÇAS DA NUTRIÇÃO do Hospital Mont-Sinai de New York. Trat. moderno da Asma, Diabete, Obesidade, Enxaquecas, Eczemas, Correcção Dietetica das doenças do Estomago, Figado e Intestinos. Rua do Passeio, 70.

Dr. EURICO SAMPAIO — Clinica medica e molestias mentaes. Rua 7 de Setembro, 141 - 2.º 2as., 4as. e 6as., ás 2 horas. Tel. 2 - 4312.

Dr. C. XAVIER LOPES — Cirurgia. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Diariamente, de 4 ás 6. Tel. 2 - 8198.

Prof. CASTRO ARAUJO — CIRURGIA GERAL. Rosario, 129 - 3.º Diariamente, depois das 5 hs.

Dr. CONDEIXA FILHO — Ex-assistente do Prof. Papin (Paris). Trata pelos methodos mais modernos as affecções dos Rins, Bexiga, Prostata, Testiculos e Urethra. Diathermia - Ozonotherapia - Fulguração. Av. Rio Branco, 183. Tel. 2 - 2474. Diariamente, das 2 ás 6 hs.

Dr. LUIZ LAVIGNE — Da Policlinica Geral. Vias Urinarias-Syphilis. Quitanda, 47-2.º T. 4-4513. Diariamente.

Dr. DAVID MADEIRA — Clinica medica. Molestias da nutrição e apparelho digestivo. Dietas e regimen alimentar completo e desintoxicante. São José, 106. Tel. 2 - 7070. Diariamente, das 12 ás 16 horas.

Dr. JOAQUIM DE BRITO — Docente Livre de Clinica Cirurgica da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Cirurgião da Ass. Publica. Rua Chile, 13 - 1.º, diariamente, ás 3 horas. Tel. 2 - 5757.

Dr. ADAUTO BOTELHO — Doenças nervosas e mentaes. Electrotherapia e electro-diagnostico. Edificio Odeon 5.º andar, sala 513 / 514. Praça Floriano, ás 2 horas.

Dr. ADAUTO DE REZENDE — Doenças das crianças. Largo da Carioca, 15 - 1.º 2as., 4as. e 6as., das 14 ás 16 horas. Tel. 2 - 6950. Res. 2 - 9850.

Dr. WALDEMAR SAMPAIO — Cirurgia e clinica odontologicas. Alcindo Guanabara, 15 - 7.º, das 9 ás 5 e meia, diariamente. Tel. 2 - 4308.

Dr. ALBERTO COUTINHO — Livre Docente de Clinica Cirurgica. Assist. do prof. Brandão Filho e da F. de Medicina. Cirurgia Geral. R. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Das 3 ás 7. Tel. 2 - 8198.

Dr. COSTA PEREIRA — Ouvidos, nariz e garganta. Rua da Assembléa, 73 - 4.º Diariamente, ás 4 e meia. Tel. 2 - 6313.

Dr. MURILLO FONTES — Cirurgia em Geral. Molestias das Senhoras, males das Vias Urinarias. Tratamento pela Diathermia. Rua do Carmo, 65 - 3.º andar. Tel. 4 - 0806.

Dr. MARINO MACHADO — Medico dos Hospitaes da Santa Casa: Pulmão, Coração e Rins, das 13 ás 18 hs. Uruguayana, 24 - 4.º Tel. 2 - 1348.

Dr. PINTO DE AVELLAR — Clinica Odontologica. R. Ramalho Ortigão, 38 - 1.º Diariamente. Telephone 2 - 5822.

Dr. JOÃO HONORIO — Clinicas Odontologica e estomatologica. Diariamente. Edificio Odeon, sala 608. Tel. 2 - 1786.

Dr. RAUL PACHECO — Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e seios, hernias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. 55, praça Floriano. Tel. 2 - 8305.

Prof. BRUNO LOBO — Laboratorio de analyses e pesquizas. Gonçalves Dias, 17 - 1.º Tel. 2 - 4863.

Drs. SAMUEL PRADO e SAUL CARNEIRO — Pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Doenças da nutrição, obesidade, diabete, gotta e apparelho digestivo. Largo da Carioca, 15 - 1.º Diariamente, de 2 ás 5 horas.

Dr. SALVIO MENDONÇA — Esp. nos Hosp. de Berlim e Vienna (serviço dos profs. R. Ehrmann, H. Elsner, Max Rosenberg e Zweig). App. digestivo e Nutrição. Diabete, Gotta, Obesidade e magreza. Travessa do Ouvidor, 36 - 1.º Tel. 3 - 4310 das 3 ás 6 horas.

Dr. JOSÉ DE ALBUQUERQUE — Clinica Andrologica (Doenças sexuaes do homem). Rua 7 de Setembro, 207 - 1.º Diariamente, de 1 ás 6 da tarde.

Dr. E. FERREIRA DA ROCHA — Da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro. Apparelho respiratorio. Cons. Rua de São José, 118 - 1.º, de 13 ás 15 e meia. Res. rua Soares Cabral, 26. Tel. 5 - 3491.

Dr. LORENA MARTINS — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 148 - 5.º Diariamente.

Dr. PLINIO SENNA — Exames bucco-dentario para complemento do diagnostico medico. Raios X, infra-vermelho, azues, ultra-violeta, diathermia. R. Ouvidor, 162 - 2.º Tel. 2 - 1659.

Dr. MIGUEL PAROLO — Molestias do apparelho genito-urinario. Rua da Quitanda, 17 - 5.º Diariamente, das 3 ás 6. Tel. 2-0966.

Dr. A. MARTORELLI — Cirurgião Dentista da Associação dos Empregados no Commercio. São José, 106 - 3.º Tel. 2 - 7070. Consultas Diarias.

Dr. A. CALMON D'OLIVEIRA — Hemorrhoidas, varizes, ulceras varicosas, vias urinarias. Av. Rio Branco, 177 - 1.º Diariamente, ás 4 horas.

Dr. LUIZ SODRÉ — Varizes. Tratamento medico sem operação e sem dôr. Consultas diarias com hora marcada. Rodrigo Silva, 14 - sob. Tel. 2 - 0698.

Dr. JORGE FRANCO — Cura radicalmente a blenorrhagia no homem e na mulher, aguda ou chronica, em 10 injecções hypodermicas, indolores e sem reacção de especie alguma. Tratamento completo da prostatite, orchite, impotencia em moço, ovarite, metrite, esterilidade, etc. Consultas gratis. Assembléa, 67, das 2 ás 4 hs. Tels. 2 - 3112 e 5 - 3984.

Dr. RODOLPHO JOSETTI — Ex-Assistente dos Hospitaes de Berlim e Rio de Janeiro. Cirurgia abdominal e thoraxica. Vias biliares e urinarias. Appendicites — hernias, tumores, etc. Rua 13 de Maio, 44, diariamente, das 16 ás 19, excepto aos sabbados. Tel. 2 - 1000.

CUIDADO!

ERA Eva o nome della.

Sertório, seu amigo, seu admirador, apreciava-a por ter a senhora o espirito superior e demonstrar interesse pelas bôas letras.

Conversavam sempre acêrca da literatura nacional de alguns paizes estrangeiros, e cada vez ficavam mais amigos.

O marido de Eva era dado a coisas mais práticas. Banqueiro, não tinha tempo nem podia perdêl-o com assumptos de interesse puramente literário. Gostava tambem das bôas letras mas, por ultimo tinha só o espirito do negocio e carecia de opportunidade para tratar de literaturas; pois gostava a espôsa de sumptuosidades nos trajes, gostava de festas, de passeios e era preciso trabalhar muito, afim de lhe ser sempre agradavel. Elle, homem de bom gosto, não a contrariava, par lhe agradar tambem a vida elegante.

A espôsa de Sertório, mais dada a assumptos domésticos, não era muito afeiçoada ás letras.

Os espôsos não tinham a mesma tendencia. A espôsa de um apreciava mais certas qualidades do espôso da outra, sem que adviesse dahi mal algum, pois, existindo muita franqueza de trato existia igualmente muito respeito, muita sinceridade.

Desta sorte, sendo amigos os dois casaes, e bastante amigos entre si os dois de cada casal, a convivencia de todos fôra sempre cordialissima.

* * *

Adoecêra de repente Eva.

Gravemente enferma, estivéra, de cama cêrca de um mez.

A espôsa de Sertório ia visitál-a todos os dias. Este, emtanto, deixou de vêl-a durante a gravidade da moléstia. Já lhe parecia uma eternidade... Percebêra sentir saudades della. Achára serem as saudades uma coisa naturalissima, porquanto eram muito amigos.

Quando estava ella em estado de convalescença Sertório fôra visitál-a. Mandaram-no entrar em uma sala do pavimento terreo, onde fôra a enferma passar o dia e onde se achava negligentemente recostada a uma poltrona guarnecida de estofo.

Houve muita alegria. Palestraram contentes.

— Vou contar-lhe uma coisa, diz o visitante.

— Conte.

— Estava com acanhamento de lhe dizer que já sentia saudades...

— Minhas? interroga Eva.

— Sim, confirma Sertório.

— Acanhamento de uma coisa tão natural!? Somos tão amigos... Devo affirmar-lhe tambem que já vinha tendo saudades de nossas palestras.

— Só das palestras, creio.

— Tendo saudades de nossas palestras, é claro que no meio estava a sua pessôa.

— Muito obrigado.

Ninguem testemunhava esta conversa, quando lhe pedira a enferma:

— Quer ter a fineza de me dizer as horas?

— Com muito prazer. São quinze horas em ponto.

— Obrigada. Quer ter a fineza de me alcançar esse remédio?

— Pois não! Vou ter a honra de ser seu enfermeiro...

— Obrigada. A honra pertence-me.

De Hormino Lyra

— E' bom o remedio?

— Horrivel! Amargo... Só por vontade de me restabelecer...

E fez uma carêtinha que valia ouro!

— Medicos máus!... Bem podiam amenizar esse amargor com um xarope qualquer...

— Não são elles que vão tomar o remedio!... Alguns ha que têm pena da gente, mas ha outros... Faça-me mais um favor.

— Com prazer.

— Dê-me esse livro que está em cima da mesa.

— Olá! *Cinco Lições de Psychanalyse*...

— Nunca tinha lido nada de Freud. Meu marido viu este livro numa livraria e trouxe-mo. Ainda não tenho cabeça para o ler. Leve-o comsigo, leia-o todo, preste attenção á terceira lição, em que trata elle da interpretação dos sonhos, e volte depois para conversarmos acêrca desse ponto. Quer ver?

Enthusiasmada, abria o livro, emquanto Sertório chegava o rosto perto do rosto della. Ambos a querer ao mesmo tempo lêr o mesmo trecho, as cabeas embateram de leve uma na outra, as faces chocaram-se e o livro de doutor Freud rolou no chão...

Sertório perdêra a cabeça, quando lhe sentira o perfume da carne; Eva não pudéra refreiar-lhe a torrente fragorosa de beijos.

— Deixa-me! supplicava-lhe, com o rosto afogueado.

— Senhora! attende lá de dentro a copeira, julgando ter-lhe chamado a patrôa.

E apresenta-se.

— Espere ahi, Custodia!

Maliciosa, sorria a empregada a modo adivinhando a violencia da scena.

E diz Sertório, apanhando o livro:

— Bem. Vou-me embora. Quer que o leve?

— Não. Póde deixál-o.

Entregára-lho, indagando:

— Que deseja de mim?

— Nada desejo presentemente. Obrigada.

— Então, adeus! Estimo as suas melhoras. Muita alegria em vêl-a.

— Igualmente. Obrigada. Custodia, acompanhe o senhor Sertório e feche a porta.

Quando voltou a copeira, chorava a patrôa.

— Que é, dona Eva!

— Nada. Não tenho esperanças de ficar bôa, desculpava-se...

— Não diga isso, dona Eva! E por que não?

— Não sei... Tenho presentimentos...

— São coisas dos nervos...

Com frieza, abrira a enferma o livro de doutor Freud, virara algumas paginas e, com indifferença, ia lendo:

..."mas o desejo, persistindo no *inconsciente á espera de opportunidade para se revelar*"...

Fechára o livro. Sorrira com malicia. Depois, ficara séria, triste, com ar de quem está zangada. Acto continuo, sorrira de novo, a dizer mentalmente:

— O fogo perto da polvora tem que inflammar com facilidade...

Inadvertida, proferira em seguida essa mesma phrase.

E, de volta para a copa, brejeira, sorrindo, a empregada interviéra á meia voz:

— Cuidado!

(Do livro inédito "No Reino dos Corações").

CARTILHA

Si vires que injustamente magoaste aquelle que corresponde ao teu amôr, pede-lhe perdão, sem constrangimento; fal-o sem receio: elle não sorrirá, como o orgulho de um dominador, da fraqueza do teu gesto, mas, sim, feliz, da força de affecto que te fez curvar a fronte.

*

Entre duas mulheres — uma que se conserva silenciosa e outra que elogia a tua belleza a algum cavalheiro — prefere a primeira: esse elogio tem, quasi sempre, uma intenção reflexiva: é como o da mulher que proclama a formosura da propria imagem reflectida num espelho.

*

Cinge a tua vaidade ao gosto do teu esposo; pelo seu braço, vae, satisfeita, sem carmim nas faces e "rouge" nos labios. Si alguem, trazendo ao rosto a revelação do preito á moda, te olhar, no caminho, com censura, dize intimamente, como si, na verdade, lhe falasses: "Não me olhei ao espelho; mirei-me aos olhos do meu esposo: achei-me bem!"

*

Seja qual fôr o presente que te traga teu marido, recebe-o sempre com real contentamento: vê que elle t'o offerece na salva do coração.

*

Para a felicidade conjugal, ha muito que desapprender e apprender: "Eu" e "Tu" jamais; "Nós", mas, sempre, "Eu", isto é, esposo e esposa numa só entidade, de modo que não haja um desejo, um prazer, uma dôr no intimo de um que o outro não saiba, para satisfazer, fruir consolar.

E' mistér aprender-se um novo modo — o modo affectivo — para o verbo amar, e nelle, no tempo presente, sempre e só conjugal-o: *Eu amo!*

*

Muitas vezes, a causa da infelicidade conjugal está em julgarem as mu-

PRELUDIO

Alvorecer...
O sol não nasceu ainda
e uma fumaça muito fria
perambula pelos descampados...

A neblina é como um panno de bôcca de theatro,
pardo, cinzento-pardo,
escondendo religiosamente
o scenario verde da floresta.

Quando apparece o sol —
— rei que vem assistir aos espectaculos diurnos,
tudo de luz se veste.

Sóbe, então, o panno de bôcca de theatro
e das gargantas dos passaros rebenta
o preludio das operas do dia!

HERCILIO CELSO

DA MULHER

...theres que o noivado é, apenas, uma escala transitoria para o matrimonio; não: elle deve perdurar, eternamente, revestido de uma fórma mais intima, além do casamento, devendo o desejo de ser esposa existir somente até a realidade de o ser. Não é obrigatorio ser noiva para casar; o que é imprescindivel é casar para ser noiva!

•

No terreno das relações puramente sociaes — não no do affecto reconhecidamente leal —, entre a mulher que te elogia e a que diz mal de ti, receia mais a primeira: melhor te acobertarás da inimizade declarada do que da affeição duvidosa.

•

Julga a moda ao sabor do teu proprio criterio. Si, por exemplo, amas a das saias curtas, adopta-a, sem apreço aos discursos inflammados da opposição feminina: muitas vezes, peccam pela "base".

•

Não julgues dos dotes pessoaes de uma mulher pela grande côrte de admiradores que arrasta após si: ás vezes, ella possue, unicamente, um "dote"...

•

A qualquer nova relação que contraias, não abras immediatamente a tua alma: ser-te-á facil a reparação da desconfiança injusta, mas impossivel a da justa desconfiança.

•

Não te aborreças com o ciúme sem razão do teu marido: rejubila-te, antes, intimamente: vê no seu infundado ciúme o fundamento do seu amôr!

•

Escolhe teu marido pelo coração, nunca pelo interesse: preoccupa-te, não com a escolha da riqueza, mas com a riqueza da escolha.

João Ramos

O SUAVE MYSTERIO

Quando eu passo por ella indifferente,
De olhos voltados para o chão que piso,
Ella, por certo, já calcúla e sente
Que eu lhe guardava uma palavra e um riso

Eu murmurára essa palavra ardente,
Si ella attingir pudesse o quanto viso...
Mas, de olhar encantado, e voz tremente,
Eu nunca lhe direi o que é preciso.

A voz que, noutras horas, vibra, canta,
Como que morre, aos poucos, na garganta,
Quando, nos ares, seu perfume gira.

Por que será, senhor, tanto mysterio?
— E' que tu foste, sempre, muito serio,
E não te fica bem dizer mentira!

Horacio Mendes

VIANDANTE

SURPREHENDI-ME, um dia, cansado da caminhada de quasi trinta annos — quanto tempo! — em meio á tortuosa e ignota estrada da vida, coberto de pó, roto e sujo, a máscara do rosto vincada de sulcos profundos...

Sentei-me, desalentado, a um seixo rebrilhante, fragmento de rocha em desaggregação, vencido pela dôr de haver-me encontrado, depois de longos annos de nomadismo, e experimentei todo o horror dramatico da minha contingencia moral, pois que a fé constructora, que remove montanhas e ampara as almas em afflicção, jamais edificou algo que subsistisse ás minhas proprias desillusões...

Trinta annos quasi! Que fiz eu, durante essa eternidade de tempo, sinão reproduzir, na inconsequencia de gestos-relampagos, a lenda mythologica do tonnel das Danaides?...

Vivi, toda a existencia de idealista, a sonhar grandezas imaginarias do coração humano e, estheta, um sorriso de absolvição para as inferioridades da especie, mendiguei a Perfeição; semeei, tanto quanto m'o permittiram os deuses, o evangelho do Bello, fazendo da Arte sem jaça um motivo de religião...

Mais de uma vez, vestida de rosa, bateu á minha porta, chamando com insistencia, a Illusão, para dizer-me:

"Venho para dourar as tuas tardes outomnaes; venho para collocar uma flôr onde nasce um cabello branco; venho illuminar a tua obscura vida"...

E eu lhe respondia: "Segue, segue o teu caminho, bella illusão de azas celestes... Illusão vestida de rosa, foje de mim, afasta teu pé do limiar de minha porta!"

Como dois juizes inflexiveis, trago em mim, agora, junto á Consciencia, duas expressões que se odeiam: a força do bem e a força do mal, porque soou a hora do julgamento, a em que succumbirei, sob o peso dos peccados, ou sobreviverei, redimido, para ingressar lavado de culpas, na suave estrada...

A força do mal, anniquiladora e iconoclasta, disse-me:

— Que és, afinal, homem vaidoso? Vê como a vida é uma burla grosseira, uma negativa opprobriosa argamassada com o sangue e as lagrimas dos parias — um vasadouro de miserias. Mostra-me tuas obras, o que realizaste de útil ao bem collectivo com a ajuda dos bons designios...

"E o que te fizeram soffrer, inutilmente, zombando de teus sentimentos, por estupidez ou perversidade calculada?... Vamos, confessa teria valido a pena viveres tanto, si a arvore de tua vida nunca teve pássaros a embalarem as suas folhagens, flôres e ninhos que tornassem sua sombra um doce refugio, um abrigo carinhoso aos viajeiros do Destino?...

"Não sabes, com certeza, ó incrédulo, as tristezas que a Fatalidade, daqui para deante, ainda te reserva... Avia-te, emquanto os músculos te são ágeis e dóceis, e reflecte na inocuidade de proseguires na jornada tormentosa..."

A voz maligna, sybillante como um vento damninho, cessára de falar.

Então, docemente, subtil como um throno que descesse da

A REFRIGERAÇÃO NO INVERNO

Um dos problemas mais serios da hygiene domestica é a conservação dos alimentos que os refrigeradores modernos procuram resolver da melhor maneira. Realmente, a conservação dos alimentos pelo frio artificial torna-se indispensavel, mesmo no inverno, pois é o unico meio de evitar que proliferem e se multipliquem as bacterias que deterioram os alimentos frescos ou preparados.

Parece á primeira vista paradoxal a affirmação de que é necessario, mesmo no inverno, a refrigeração, cujo valôr no verão já

De Gomes Netto

esphera azul, pelos labios seraphicos dos anjos em revoada, a força do bem murmurou, a seu turno:

— Bemdito será todo christão, porque os servos do Senhor são os pastores que hão de reunir ao aprisco as ovelhas tresmalhadas...

"Só os eleitos, os illuminados pela fé pódem, como tu, provar o fel do soffrimento e a dôr, em todas as suas gradações, sem uma attitude de protesto, nem rebeldias, que fazem lembrar o instincto primitivo das féras...

"Venceste a porfia graças á pertinacia de teus intentos nobres, a immensuravel cordura que dimana de tua presença de bom.... Haverá conquista mais expressiva e dignificante que a attingida, de resistires ás sortidas mil dos infortunios?

"Homens assim, galvanizados pelo cataclysmo que lhes varreu o espirito, são instrumentos de aperfeiçoamento humano, armas potentes que, manejadas pela sabedoria divina, obram o milagre de ensolarar as almas atiradas aos pantanos do vicio. De ti, muito espera a nova geração, essa que desponta e, céga, sem guia, vae de erro em erro. Lembra-te que poderás orientál-a, prevenil-a, com a tua segura visão, contra todos os assédios, contra aquillo que ninguem, por egoismo ou ignorancia, jámais te ensinou!

"Não serás assim. Como tu, muitos outros homens de amanhã se deixarão arruinar pela primeira corteză que se lhes apresente; acreditarão no veneno peçonhento de suas mentiras e infamias, e, de quéda em quéda, passarão ao convivio dos prostibulos, descerão á degradação maxima do alcool e das torpitudes sem conta que a revolta surda faz gerar nos injustiçados, si alguem lhes não abrir os olhos, mostrando-lhes o abysmo voraz.

"E' tão misericordioso accender-se, ás primeiras sombras nocturnas, a nossa lampada, como aclarar-se a razão dos cérebros indefesos. Eia, amigo! E' preciso caminhar, ensinar aos que têm sêde de saber os mysterios da terra...

"Toda a Natureza é um anhelo se servir. Serve o vento, serve a nuvem... O servir não é só mistér dos sêres inferiores. Deus, que dá o frueto e a luz, serve. Poderia chamar-se assim: o que serve"...

"Olvida o scepticismo, as más philosophias e vem, com a tua verdadeira personalidade, para a luta redemptora do Bem contra o Mal..."

... ...

Dentro de meu sêr houve como que uma syncope: — tudo se fez noite ao deflagar tempestuoso das duas forças antagonistas, e, transfigurado, fundidas as energias intoxicadas pela obra synergica da Renovação, volvi á objectividade — outro homem — forte, intrépido, generoso e audaz, para servir e "recolher os espinhos deante dos pés; fazer-me canção nos labios e fonte no caminho; força occulta que dará alento nas lutas e sopro cálido que seccará lagrimas com um beijo; leque moral para abanar nas horas de febre alta"... tudo, emfim, que traduza um agradecimento vehemente ás alturas, pela lição estupenda que a Vida me concedeu...

Póros abertos

Os póros do rosto fecham infallivelmente com o uso de um só vidro do maravilhoso

DISSOLVENTE

O DISSOLVENTE NATAL obriga que os póros se fechem e acaba com as rugas, manchas, pannos, sardas, espinhas, cravos, etc. Usado pelas actrizes de cinema para a limpeza diaria da pelle.

E' GARANTIDO E CADA VIDRO CUSTA 5$000

Gratis!!! Sr. L. R. SOUZA — Rua dos Andradas, 130 — Rio. Queira mandar-me informações gratis sobre o famoso DISSOLVENTE NATAL.

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

---

ninguem discute. Mas as observações dos téchnicos confirmam esta ultima asserção.

No inverno, a temperatura oscilla frequentemente, indo de varios gráos abaixo de zero a dez gráos ou mais acima de zero. E basta saber-se que as oscillações pódem levar a temperatura acima de dez gráos centigrados para comprehender que a temperatura natural ambiente não é apropriada para a bôa conservação dos alimentos. Para evitar que os microbios se desenvolvam, é preciso manter a temperatura inferior a dez gráos. Acima deste limite, com maior ou menor intensidade, elles operam a sua obra destruidora, de tantos perigos para a saúde individual.

Um refrigerador moderno, perfeitamente regulavel e que não exige attenção de especie alguma, actuando automaticamnte, como o General Electric, tem, assim, grande papel na vida de um lar.

OS CRIMES DE UMA RELIGIOSA

(SHERLOCK HOLMES POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

CAPITULO VIII

A LUTA ENTRE DUAS MULHERES

Lady Elise tinha tentado, mas inutilmente, falar com seu tio depois dos funeraes.

Completamente abalado estava o lord no seu quarto, onde se tinha fechado á chave.

A propria irmã Ethel não tinha ordem de alli entrar. Com tranquilla satisfação soube Elise isto, pelo velho José que lhe segredara:

— A irmã de caridade quiz entrar no quarto do mylord.

Mas elle dissera-lhe com a porta fechada: "Querida filha... é assim que elle a trata sempre... é impossivel agora ver seja quem fôr... nem mesmo a senhora.

— Imagina tu! exclamou indignada Elise, contando isto a seu primo. "Nem mesmo a senhora" disse teu pae! E' pois claro, que ella o domina em absoluto!

— Que posso eu fazer, Elise? Amanhã devo voltar para o meu regimento... estou longe, e a influencia, que os estranhos podem ter sobre meu pae, é grande.

— Tu não deves voltar para o teu regimento, Gerald!

"Tu és agora o herdeiro de Elport-hall... e é agora que te vaes ausentar?!

Gerald calou-se por um momento; depois agarrando na mão de Elise disse-lhe:

— Se ficares em Elport-hall, então peço licença por um anno, e partirei mais tarde. Tu sabes como meu pae se alegra com a tua visita.

Elle baixou os olhos e corou.

— Eu verei, disse ella a custo. Em primeiro logar, tenho tenção de aqui ficar, pois que vim disposta a demorar-me algumas semanas. E, em segundo logar, não quero partir já porque me dá prazer o cruzar as armas com essa tal irmã de caridade de cabellos dourados.

Gerald meneou a cabeça e disse-lhe:

— Tu és uma rapariga corajosa e adoravel.

A irmã Ethel entrou, com um trabalho de agulha nos finos dedos, no salão onde Elise tomara logar e disse:

— Já todos os hospedes deixaram o castello, lady Elise, e nós somos agora os ultimos habitantes femininos. Não acha triste o inverno no campo?

— Absolutamente nada, replicou Elise. Eu adoro a vida do campo sobre todas, e nunca viverei noutra parte. Mas a senhora é uma menina da cidade e com certeza deve viver no campo enfadada.

— Oh, uma diaconisa não pensa em prazeres mundanos. E' o meu officio, estar até ao fim onde sou precisa, e lord Elport precisa de mim, não me quer deixar ir embora não obstante eu já lh'o ter pedido ha muito tempo.

— Sim, estes homens de idade! Tornam-se quasi sempre muito esquisitos. Por exemplo, meu tio não fez um testamento tão extraordinario! Provavelmente já ouviu falar disso?

— Não lady Elise. Tambem eu não tenho interesse par taes assumptos. Lord Elport vae viver ainda muito tempo, espero e creio em Deus.

— Sim suspirou Elise, se um destino tão nefasto se não apressar a leval-o, como aconteceu aos meus tres infelizes primos...

— Mas, mylady, vós não deveis falar dessa maneira!

— Como assim, irmã? Todos nós sabemos, que calculos criminosos trouxeram a morte á esta casa.

A enfermeira empallideceu.

— Sabe isso? exclamou Ethel com voz mais forte.

— Qual é a sua opinião, irmã?

— Meu Deus, porque me pergunta isso? Então ninguem pensa que aqui haverá criminosos?

— Penso sim, tenho até certeza!

Ethel levantou-se amuada e encarou Elise com grande altivez.

— Mylady, disse ella, friamente. Eu não estou acostumada a pensar mal dos meus semelhantes. Parece que não nos entendemos e retiro-me para o meu quarto.

— Faça isso, irmã. E medite lá, que nem sempre se attingem os proprios designios.

— Vós falaes por enigmas. Mas basta! Eu pedirei a lord Elport que me deixe partir para a cidade, pelo menos emquanto estiverdes aqui.

— Como queira. Julgo que meu tio se não resolverá a dispensal-a por tanto tempo. Eu fico aqui, pouco mais ou menos, um anno, querida irmã.

Ethel abandonou a sala de cabeça erguida.

Mas em vez de se dirigir ao seu quarto atravessou o comprido corredor da sala de visitas até o salão nobre, do qual se podia passar para o archivo.

— Que boa idéa, disse ella a meia voz, o ter me apoderado a tempo da chave.

Fechou o archivo por dentro com o ferrolho para poder mais á vontade procurar o papel de que Harold William precisava.

No archivo havia grandes armarios cheios de infolios e cofres cheios de pergaminhos e documentos.

Preciosidades de qualquer especie não havia alli, de maneira que Ethel não podia pensar em se apoderar de joias ou outros thesouros de familia.

Sentou-se á mesa e começou a ler o volume "Pa... da familia Elport" que se referia aos actuaes representantes da mesma.

De repente, levantou-se bruscamente.

— Aqui está! disse ella por entre dentes. Aqui o papel que Harold deseja! E' preciso arrancal-o e levál-o commigo. Este papel prova-me, que o irmão velho lord foi, na realidade, para a Australia. seus filhos legitimos são pois os herdeiros de ...ort, no caso do lord morrer sem deixar filhos. Harold é filho do sr. William fallecido na Australia. Aquelle Elport usava o segundo nome de William. Harold provará facilmente, que seu pae igualmente ...a o segundo nome de William e que só por um orgulho é que não deu mais signal de si.

...! ah! bastará apenas uma folha de papel sellado ...

De repente, soltou Ethel um grito estridente e levantou-se da cadeira aterrorizada.

...llida de terror, cravou os olhos espantados no ...a janella no qual se viu apparecer uma caveira ...entes arreganhados e interiormente illuminada.

Afastando as cortinas com os braços osseos, avançou um esqueleto de tamanho descommunal envolvido ... véo cinzento.

Quando Ethel com um medonho grito que echoou ...odo o castello cahiu redondamente no chão, ... pela sala uma ironica gargalhada.

...a sahira dos labios de Sherlock Holmes, que ...lando-se da vestimenta, deixou cahir a caveira ...tava enfiada numa bengala por cima delle.

...ão morre desta, murmurou elle. E mesmo que ...sse era menos uma serpente no mundo. Mas ... que tenho a chave vou immediatamente examinar o quarto e o cofre. Quando ella despertar ha ...sar que sonhou.

...nhou a caveira e a vestimenta, abandonou a ... dirigiu-se apressado para o aposento que no ...o era occupado pela irmã de caridade.

No caminho para lá encontrou Elise, que muito ...ada sahia do salão onde tivera a discussão ...thel que degenerara em altercação.

— A sua linda adversaria está cahida no chão do ..., desmaiada, disse-lhe o policia. Desempenhe ...funcções della e veja se a faz tornar a si. Ella ... que viu um phantasma; deixe ficar nessa ... Logo lhe contarei o caso, que é engraçado.

Entrando no quarto de Ethel, fechou Holmes a ... por dentro e começou logo pela inspecção do ...que estava a um canto.

Continha apenas roupa branca e vestidos simples. ... muito no fundo descobriu Sherlock Holmes ...inharias. Em primeiro logar uma caixinha ... verdadeiro arsenal de cosmeticos, dos quaes se podia deprehender que as frescas cores, as sobrancelhas e pestanas do lindo rosto não eram verdadeiras. Encontrou mais algumas cartas.

Holmes tirou-as e dirigindo-se com ellas para o seu quarto leu-as.

Eram escriptas por Harold William e continham sempre a mesma supplica de "se apressar" porque os credores estavam de dia para dia mais impacientes.

Todas estas cartas estavam assignadas "Harold". Numa nota á margem lia-se:

"O meu nome William é francamente inestimavel.

"O velho sabio que escreveu a historia da familia Elport só me incluirá nella... depois que eu possa fazer passar para mim o nome do extincto.

"A nossa seára amadurece minha pequena. Dentro em pouco serás tu lady William Elport!

"Inutilisa bem todas as minhas cartas, não te esqueças!"

Todavia a irmã Ethel conservara as cartas, para ter na sua mão uma carta contra a amante.

— Preciso attrahir aqui este senhor William... ou, espera! Se não me engano a Irmã Ethel já se encarregou disso. Eu vi-a esta manhã ir á estação. Posso saber pelo telephone o que foi que ella telegraphou.

— Aqui estação de Elport, e ahi quem fala?

— E' o sr. Brave? Sim? Bem, aqui é Sherlock Holmes. O senhor prometteu-me todo o apoio possivel...

— Certamente sr. Holmes. Em que o posso servir?

— Hoje de manhã a irmã de caridade do castello entregou-lhe um telegramma para expedir não é verdade?

— Sim! E o senhor quer saber o conteudo? Um momento...

Alguns minutos depois veio a resposta.

— Telegramma para Harold William. — Londres. "Perigo conhecido crescendo. Tem suspeitas. Vem e salva-me e a ti. Ethel."

— Muito obragido sr. Brave! O "perigo conhecido" sou naturalmente eu proprio. E provavelmente tenho de ser eliminado... mas sempre é bom uma pessoa conhecer com antecedencia o seu triste fim. Ah! ah!

— Não ria, senhor Holmes, pelo amor de Deus tome muita cautela; se o senhor morresse!

— Então, era menos um homem no mundo. Mas socegue, que não morro assim.

— O que quer fazer para estar em segurança?

— Em primeiro logar quero que o senhor me empreste um uniforme... pode fazer-me isso?

— Da melhor vontade. Quer então ficar no castello num disfarce?

— Não num só, mas em muitos. Mas um uniforme do Estado é sempre mais seguro. Até já; lá irei naturalmente para expedir um telegramma.

(Continúa na pag. seguinte)

Dentro em pouco, Sherlock Holmes deixava o castello e dirigia-se á estação.

Ahi telegraphou ao commissario geral da policia de Londres e requisitou quatro policias que deviam cercar a casa do carpinteiro Tribold.

— Agora dê-me um uniforme, disse o policia ao empregado do telegrapho que já era seu conhecido. "Amanhã lh'o entregarei. E em recompensa contar-lhe-ei então o que consegui descobrir.

— De quem tem suspeitas, sr. Holmes?

— De três pessoas, uma linda folha de trevo, ou como mais vulgarmente se diz uma trempe. Dois homens e uma mulher. Adeus, meu caro Brave. Você sabe uma coisa, eu não gosto muito de falar... antes de tempo.

— Espere, espere, sr. Holmes. Talvez eu lhe possa communicar alguma coisa que o interesse. Ha pouco recebi um telegramma de Londres para um habitante da aldeia.

— Para o carpinteiro Tribold?

— Ah! Já sabia isso?

— Ainda mais. O telegramma diz que alguem deve chegar ainda hoje e que o devem vir esperar.

— Com os demonios! como sabe o senhor sempre tudo!

— Não era difficil de adivinhar. Eu mesmo estou agora aqui para observar a gare. Quando chega o primeiro comboio?

— D'aqui a cinco minutos. Quer o senhor espreitar aqui pela janella do telegrapho?

— Sim, d'aqui vê-se tudo muito bem.

Os cinco minutos até á chegada do comboio de Londres aproveitou-os Sherlock em se transformar num empregado de telegrapho ou telephone.

Ninguem o conhecia.

O comboio entrou nas agulhas na estação resfolegando, parou, e um unico passageiro desceu.

Era um homem alto que trazia um vestuario de camponez um tanto esquisito. Usava barba toda, muito espessa e trazia oculos escuros.

E Sherlock Holmes sorriu dizendo comsigo:

— Disfarçou-se! Julga daquella maneira poder defrontar-se commigo sem ser reconhecido! Mas não o conseguirás, patife! Sr. Harold o mandado de captura contra a sua pessoa não póde executar-se em Londres! Está bem, pois então seja em Elport!

CAPITULO IX

O LAPIS DE OURO

A irmã Ethel recuperou os sentidos bem depressa. Quando voltou a si encontrou-se no quarto ao lado do Archivo, e o velho José e uma creada, estavam occupados com ella.

— Oh, irmã! exclamou a rapariga, logo que Ethel abriu os olhos. A sra. teve um desmaio! O que foi que lhe aconteceu?

— A mim? Mas o que é isto, como vim eu para aqui?

— Nós ouvimos um grito, disse o velho José, e como a tinha visto dirigir-se para aqui, calculei que lhe tivesse acontecido algum desastre. Lady Elise correu para aqui commigo, e encontramol-a cahida no chão do Archivo e sem sentidos...

— Deus, meu Deus... sim... o esqueleto, gemeu Ethel. Estava alli... dirigiu-se para mim!...

— O que diz irmã! Aqui em Elport não ha espiritos!

— Eu vi-o, continuou Ethel. Eu vi-o com os meus olhos. Posso jural-o.

— Venha irmã, disse a rapariga tentando socegal-a. Os seus nervos estão muito agitados. Eu vou mettel-a na cama.

Ethel pensou e reflectiu que era melhor não continuar a falar a esta gente do esqueleto.

— Eu contarei isto a Harold, pensou ella quasi desfallecida.

Adormeceu suave e profundamente como uma creança.

Entretanto desenrolava-se na aldeia de Elport uma scena, que devia decidir da honra e vida do seu amigo. O forasteiro no qual nos já reconhecemos Harold dirigira-se da estação directamente caminho da aldeia.

Sherlock dispunha-se a seguir o visitante que só elle conhecia, mas uma observação do seu amigo telegraphista deteve-o.

— Olça, senhor Holmes, agora mesmo tocou o apparelho e parece-me que é obra para si.

— Realmente? Deixe-me ler, Brave.

Sentou-se defronte do apparelho e leu com effeito na fita telegraphica o seguinte:

"Meu pupilo quer enviar ahi a tal mulher. Está de accordo, devo eu leval-a?

"De noite na habitação nenhuma novidade, mas preferi guardar collecção nossa casa. Harry.

— Sr. Sherlock exclamou Berber, que neste momento entrara na estação:

— Que quer você a esta hora, aqui? perguntou o policia que se preparava para responder para Londres. Você devia estar no castello de vigia, você rude guerreiro das selvas do occidente!

— Eu não tenho lá nada que vigiar. Lady e sir Gerald estão sentados um junto do outro falando de coisas serias e trocando olhares amorosos. O meu velho amo dorme finalmente ha algumas horas e a linda irmã de caridade tambem. Eu sabia que o sr. estava no edificio da estação. Não tem nada que me dê para fazer?

(Continuação no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno..... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno..... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno..... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno..... (52 ns.) .... 110$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
Comptoir International de Publicité Gagnon & Levindrey
Rue Trenchet, 9 — France
Paris VIII Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

Dôres nas Costas Lumbago, Sciatica

O exito de nossa cruzada contra DÔRES NAS COSTAS, LUMBAGO, SCIATICA, etc., depende quasi exclusivamente da recommendação de ex-soffredores satisfeitos.

A primeira vez que V.S. sente uma pontada na cintura, nos membros ou nas costas, talvez lhe attribua pouca importancia, pensando: "Depressa passará." A repetição da dôr lhe fará dizer: "Mas, Qual póde ser a causa?" V.S. procederá com acertado se neste periodo do mal reflectir um instante e se resolver *agir* immediatamente. Do contrario as suas dôres acabarão por atormental-o dia e noite.

E' um facto geralmente reconhecido pela sciencia medica que muitas dolorosas enfermidades, taes como o Rheumatismo, a Sciatica, o Lumbago, etc., são consequencia de um excesso de acido urico no organismo. Este excesso é eliminado pelos rins quando estes funccionam normalmente. Por conseguinte, se V. S. soffre de qualquer dessas doenças, a primeira cousa que deve fazer é estimular o bom funccionamento de seus rins.

Ha já muitos annos, os medicos recommendam as Pilulas De Witt como medicamento digno de confiança para os Rins e a Bexiga, porque a sua acção sobre estes orgãos é benefica e quasi immediata.

Estamos tão convencidos de seus meritos, que offerecemos um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA de Pilulas De Witt a todos os que o solicitem. Póde fazer-se uma offerta mais equitativa? Preencha o coupon abaixo e remetta-o HOJE. A primeira dose lhe demonstrará que andou acertado.

PILULAS
DE WITT
PARA OS RINS E A BEXIGA

• *Pódem experimentar-se em casos de*

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R157),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

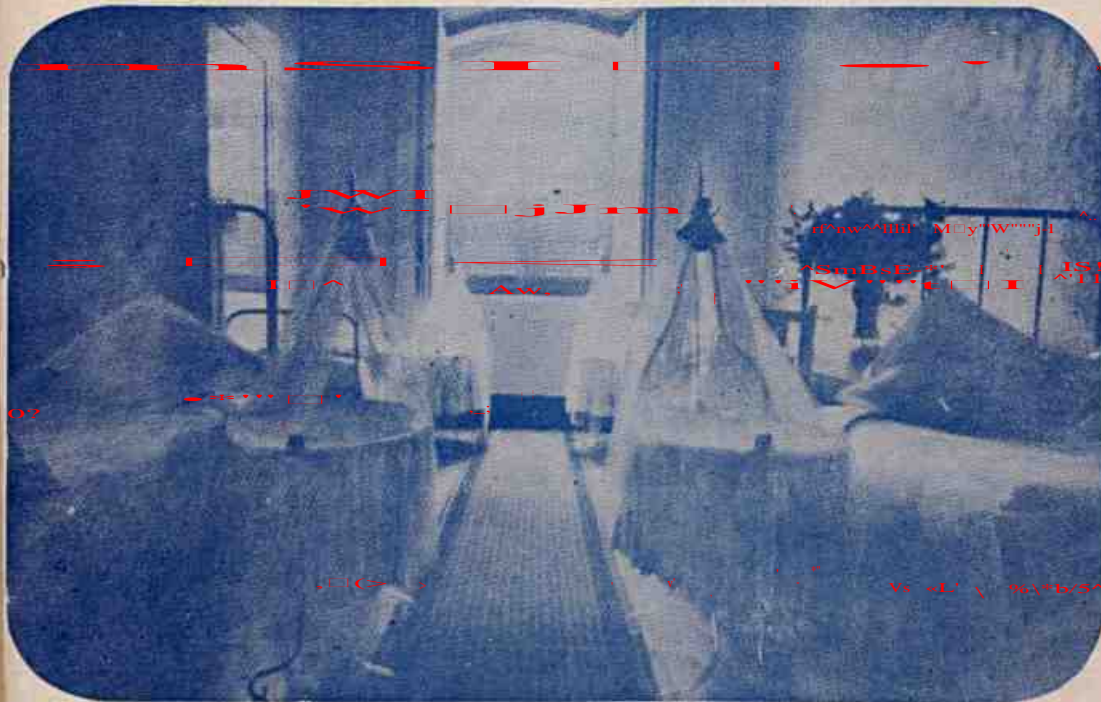
Nome..

Endereço..

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARAES

Maternidade com 4 leitos - Parto e estadia durante 10 dias: 300$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 - Telephone 2-1266

O Melhor Da Turma

Seu proprio filho, "o melhor da turma," é o resultado desses cuidados que continuamente lhe dispensam. Essa é a eterna obrigação dos paes: Velar pela sua saúde, pois a saúde é a base fundamental do desenvolvimento physico.

Ao mais ligeiro symptoma de indigestão, acidez e ardor de estomago, nauseas, etc., dê-lhe uma ou duas colherinhas do melhor remedio em sua casa:

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

Ouvidor, 98 Rio — PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — S. Bento, 36 S. Paulo